



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

SAMUEL DE SOUZA

HISTÓRIAS DE OJEPOTÁ:
TRADUÇÕES DE MEMÓRIA VIVA MBYA GUARANI EM DESENHOS

Florianópolis

2022

SAMUEL DE SOUZA

**HISTÓRIAS DE OJEPOTÁ:
TRADUÇÕES DE MEMÓRIA VIVA MBYA GUARANI EM DESENHOS**

Dissertação de Mestrado submetida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Estudos da Tradução e da Interpretação com enfoque linguístico e/ou multidisciplinar

Orientadora: Prof.^a A Dra. Evelyn Martina Schuler Zea

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Samuel de Souza

HISTÓRIAS DE OJEPOTA : TRADUÇÕES DE MEMÓRIA VIVA MBYA GUARANI EM DESENHOS / Samuel de Souza Souza ; orientadora, Evelyn Martina Schuler Zea, 2022. 100 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Histórias de Ojepota. 3. Memória viva Mbya Guarani. 4. Traduções em Desenho. I. Schuler Zea, Evelyn Martina. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Samuel de Souza

HISTÓRIAS DE OJEPOTÁ
TRADUÇÕES DE MEMÓRIA VIVA MBYA GUARANI EM DESENHOS

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 14 de julho 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Andreia Guerini, Dr^a.

PGET/UFSC

Prof.(a) Evelyn Martina Schuler Zea, Dr^a.

PGET/UFSC

Prof.(a) Rafael Victorino Devos, Dr.

PPGAS/UFSC

Prof.(a) Dirce Waltrick do Amarante, Dr^a.

PGET/UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução atribuído pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Dr^a. Andreia Guerini

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Evelyn Martina Schuler Zea, Dr^a.

Orientadora

Florianópolis, 2022

Este trabalho é dedicado à minha orientadora, aos meus professores, às pessoas que contribuíram com o trabalho, aos meus pais, meus irmãos, aos meus queridos filhos e minha esposa e minha comunidade.

Figura 1: Conexão, conhecimento e sabedoria — Desenho 1



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2018.

O que se pode dizer desse desenho?

Refletindo, percebo que as memórias contadas pelos xeramõi a uma criança ou jovem são conhecimentos ancestrais do mundo e que tudo é vivo.

Como assim é tudo vivo? não tem validade?

Nós que somos do povo guarani estamos na Terra só de passagem e iremos para yvy marae'y (terra sem males).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Nhanderu por me dar essa oportunidade me fortalecendo em todos os sentidos, minha família, Minha mãe Marli Antunes, meu pai Ivalino de Souza, e irmãos, Juçara de Souza, Dayane Antunes de Souza, Ismael de Souza, Ederson Vera Antunes de Souza , filhos e esposa Bruna Yoyapyrê da Silva, que mesmo em tempos de pandemia me deram suporte em vários momentos, superando as dificuldades, principalmente, quando eu pensei em desistir. Enfrentamos juntas estas dificuldades até o fim.

Aos professores, pela dedicação e paciência nesta minha caminhada, que é uma difícil tentativa para unir o conhecimento indígena ao conhecimento científico acadêmico. Especialmente, à orientadora Evelyn Martina Schuler Zea que me guiou em momentos difíceis, apontando caminhos e debatendo pensamentos. Agradeço também a diretora Rosângela Marques da Fontoura da escola Itaty, a minha amiga Celina Irene Mattos, me ajudaram muito na escrita, e ao Alison Silveira Morais que me ajudou na formatação, meu muito obrigado.

Agradeço todas as pessoas que me ajudaram física e mentalmente, contribuindo com meu desenvolvimento, com o caminho percorrido até aqui. Em vários momentos, me senti sozinho em meio às linguagens diversas, duvidando até mesmo deste meu propósito em seguir como pesquisador do meu povo. Mas, a necessidade de trocas e aprendizados entre culturas é mais importante que meu medo e desânimo, então, sigo em frente, olhando para trás e percebendo o que já aprendi com outra cultura.

Agradeço também a CAPES pelo período de bolsa concedido.

RESUMO

Nesse meu trabalho de dissertação de mestrado trago um pouco da cosmologia mbya guarani através das memórias vivas dos nossos xeramõi e xejaryi, traduzindo em desenhos os relatos vividos de nossos antepassados. O tema da minha pesquisa é o Ojepota, a transformação do ser em outro ser. Esse é um dos temas de nossos conhecimentos que muitos anos eram guardados somente para nós mesmos, e que durante muito tempo foram escondidos do mundo dos não indígenas por serem voltados a nossa espiritualidade guarani, e não podia ser falado por qualquer um, só os mais velhos podiam entrar no assunto com o dever de repassar os conhecimentos no modo de vida guarani. Mas com o passar dos tempos foi decidido que seria importante colocar no papel, registrar na escrita em desenhos, evitando o esquecimento de todos, fato este que preocupava muito os xeramõi e xejaryi que ficaram preocupados porque estavam sendo esquecidos por todos. Muitas dessas histórias de ojepota que são passadas oralmente estão sendo perdidas com os seus relatores, que as estão levando consigo para suas moradas eternas quando fazem a passagem. Trago uma pequena parte dessas memórias dos nossos xeramoi e xejaryi que são hoje nossas bibliotecas vivas de consulta e aprendizados.

Palavras-chave: histórias de ojepota, memória viva mbya guarani, traduções em desenho

RESUMO EM GUARANI

Kova'e mbopara va'e disertação ha'e mestrado, aru xapy'ai xeramoi, xejaryi momombe'u va'e kue nhande mbya guarani, ombopara agui ipara va'e ijau va'e o'exa va'e kue imanguare. kova'e ayvu ojepota va'e kuery amba'e nhê'e kue. kova'e ayvyre oreмба'e va'e agueru arandu imanguare regua nhandevype ha'e aynve nhee oin parã aguã, tuja'i kuery anho'i oikua'a nhande omombe'u xe va'i, omboaxa'xa aguã nhande arandu imanguare reguã teko mbya guarani. oara mã mbovy jaxy, mboty'a anhy'i ramo nhenaramoi kuery oje'a rombopara kuaxare, jaje ema nomokanhi'i aguã nhande teko arandu oin va'e kue, nhaneramoï aguy xejaryi ma ndaipovae'ma kova'e yvyre ha'e ogueramo nhande teko arandu pa va'e yvy marey.

ha'e aema mbovy arandu are ndovo'i kuaveima, ayma nheneramoï agui xejaryi kuery ore biblioteca vete jere.

LISTA DE DESENHOS

Figura 1: Conexão, conhecimento e sabedoria — Desenho 1.....	8
Figura 2: <i>Nhande reko</i> , nosso modo de viver — Desenho 2.....	9
Figura 3: <i>Opy</i> — Desenho 3.....	9
Figura 4: Petyngua — Desenho 4.....	10
Figura 5: <i>Xejaryi</i> — Desenho 5.....	10
Figura 6: <i>Xeramõi</i> , — Desenho 6.....	11
Figura 7: Começo de tudo — Desenho 7.....	11
Figura 8: Começo da criação — Desenho 8.....	12
Figura 9: Urubu xãmpire portador do fogo — Desenho 9.....	12
Figura 10: Sapo Kururu, furtador do fogo — Desenho 10.....	13
Figura 11: Fogo dos xãmpire — Desenho 11.....	13
Figura 12: Kavaju — Desenho 12.....	14
Figura 13: Sapo kururu — Desenho 13.....	14
Figura 14: Fogo para humanidade — Desenho 14.....	15
Figura 15: Ojepotá a transformação I — Desenho 15.....	15
Figura 16: Nhemboé nhandembaraete, O rezo de um xeramõi para o sol ao amanhecer — Desenho 16.....	16
Figura 17: Roda de conversa familiar — Desenho 17.....	16
Figura 18: Conselhos — Desenho 18.....	17
Figura 19: Exploração — Desenho 19.....	17
Figura 20: Sondagem — Desenho 20.....	18
Figura 21: Pesca e caça — Desenho 21.....	18
Figura 22: Coletas — Desenho 22.....	19
Figura 23: Abrigo — Desenho 23.....	19
Figura 24: Diálogo com ojepota I — Desenho 24.....	20
Figura 25: Diálogo com ojepota II — Desenho 25.....	20
Figura 26: Memória do Ojepota — Desenho 26.....	21
Figura 27: Aldeia vazia — Desenho 27.....	21
Figura 28: Menina moça — Desenho 28.....	22
Figura 29: Conselho de mãe — Desenho 29.....	23
Figura 30: Seres ocultos — Desenho 30.....	23
Figura 31: Fatura de peixes — Desenho 31.....	24
Figura 33: Susto — Desenho 33.....	24
Figura 34: Ojepota com o ser da água — Desenho 34.....	25
Figura 35: Transformação, mãe dos peixes — Desenho 35.....	25
Figura 36: Conselhos do xeramõi — Desenho 36.....	26
Figura 37: Casamento — Desenho 37.....	27
Figura 38: O nascimento — Desenho 38.....	28
Figura 39: Teimosia — Desenho 39.....	29
Figura 40: Atraído — Desenho 40.....	30
Figura 41: Ser encantado ojepota — Desenho 41.....	30
Figura 42: Encantamento com o ser — Desenho 42.....	31
Figura 43: Ojepota grávida — Desenho 43.....	31
Figura 44: Ipy Rovai — Desenho 44.....	32
Figura 45: Estratégia de fuga — Desenho 45.....	32
Figura 46: Fuga — Desenho 46.....	33

Figura 47: O ser protetor da mata — Desenho 47.....	34
Figura 48: Aldeia — Desenho 48.....	35
Figura 49: Caça — Desenho 49.....	36
Figura 50: Espionando — Desenho 50.....	37
Figura 51: Saindo em noite de lua cheia — Desenho 51.....	38
Figura 52: Casa da família — Desenho 52.....	39
Figura 53: Ojepota observando — Desenho 53.....	40
Figura 54: Fugindo do ojepota — Desenho 54.....	41
Figura 55: Travessia do rio — Desenho 55.....	42
Figura 56: Emboscada — Desenho 56.....	43
Figura 57: Morte do ojepota — Desenho 57.....	44
Figura 58: Desencantamento — Desenho 58.....	45
Figura 59: Restos mortais na barriga do ojepota — Desenho 59.....	46
Figura 60: Ojepota III — Desenho 60.....	47
Figura 61: Fogo para humanidade — Comentário do desenho 14.....	48
Figura 62: Começo da criação — Comentário do desenho 8.....	48
Figura 63: Ojepota a transformação I — Comentário do desenho 15.....	49
Figura 64: Seres ocultos — Comentário do desenho 30.....	49
Figura 65: Ko'ê nhemboe nghanhembaraete, O rezo de um xeramõi para o sol ao amanhecer — Comentário do desenho 16.....	50
Figura 66: O nascimento — Comentário do desenho 38.....	51

SUMÁRIO

<i>AGRADECIMENTOS</i>	7
<i>RESUMO</i>	8
<i>RESUMO EM GUARANI</i>	8
<i>LISTA DE DESENHOS</i>	9
<i>1. BREVE TRADUÇÃO COMENTADA DE ALGUMAS PALAVRAS DO NOSSO NHANDE REKO</i>	12
<i>2. APRESENTAÇÃO</i>	16
<i>3. INTRODUÇÃO</i>	18
3.1. A tradução oral, escrita, grafias e desenhos.....	20
3.2. As leis existentes entre nós Guarani.....	21
3.3. Conversa com xeramõi e caminhos da pesquisa.....	22
<i>4. HISTÓRIA DO FOGO</i>	26
<i>5. HISTÓRIAS DE OJEPOTA</i>	32
5.1. História de ojepotá contada por xeramõi Azelino Mariano	35
5.2. História de ojepota contada por xejaryi Cristina: Kunhã ojepota pira guire	48
5.3. História de ojepotá contada por xeramõi Adão Antunes: Ipy Rovai	56
5.4. História de ojepotá contada por xejaryi Etelvina Bolantir: Xivi re ojepota va'ekue.....	68
<i>6. COMENTÁRIOS DE ALGUMAS DAS TRADUÇÕES EM DESENHOS</i>	86
<i>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	94
<i>REFERÊNCIAS</i>	97
Referências orais (nossa memória viva, nossos livros vivos).....	97
Referências de textos escritos	98
<i>ANEXO – GLOSSÁRIO</i>	99

1. BREVE TRADUÇÃO COMENTADA DE ALGUMAS PALAVRAS DO NOSSO NHANDE REKO

Nota: esta breve tradução de algumas palavras de nosso nhande reko é fruto de tradução colaborativa entre eu, Samuel de Souza, e Marcia Antunes Martins:

Figura 2: *Nhande reko*, nosso modo de viver — Desenho 2



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

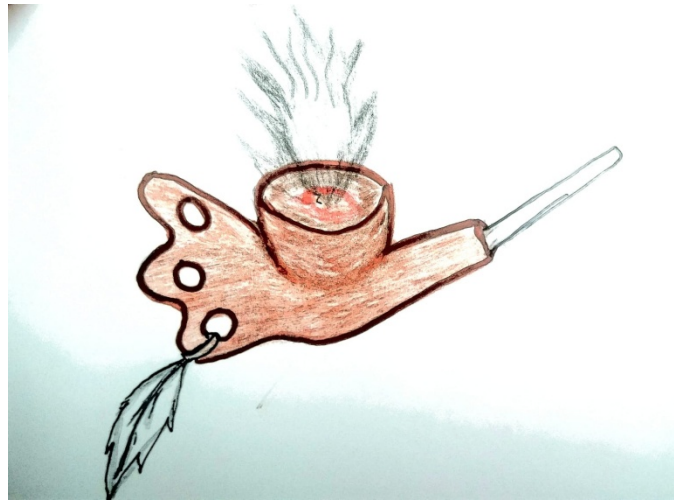
Figura 3: *Opy* — Desenho 3



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Opy - casa de reza, considerado espaço sagrado onde entramos para rezar, ter conexão espiritual, e também espaço de cura.

Figura 4: Petyngua — Desenho 4



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Petyngua - Os cachimbos Petyngua são fundamentais para nós guarani. Confeccionados pelos artesãos guarani, estes petyngua apresentam diversos materiais de fabricação como madeira nó de pinho, cedro ou aguai, e argila cinza ou vermelha. Petynguá é composto por pety significando fumo, enquanto -guá tem um sentido de lugar, de continente, formando assim petynguá como o lugar do fumo. Para entrar em transe, e dessa maneira interagir com outros domínios do cosmos, o xeramoí e xejaryi utilizam o petyngua de forma ritual, em curas, cantos e danças. Entretanto, a importância do petynguá não fica restrita aos aspectos rituais e cerimoniais entre nós Guarani, pois o utilizamos no cotidiano como maneira de concentração e roda de conversa.

Figura 5: *Xejaryi* — Desenho 5



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Xejaryi - mulheres mais velhas, sábias, pilares da sabedoria e memória viva mbya guarani.

Figura 6: *Xeramõi*, — Desenho 6



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Xeramõi - homens mais velhos, sábios, pilares da sabedoria e memória viva mbya guarani.

2. APRESENTAÇÃO

Meu nome é Samuel de Souza, nasci na tekoa Tapixi, conhecida também como aldeia Lebre em Laranjeiras do Sul no Paraná. Logo depois do meu nascimento minha família mudou-se para aldeia Linha Limeira no Oeste de Santa Catarina. Em minha infância, na Linha Limeira, eu participava, desde criança, da casa de reza, Opy, onde os xeramoi e xejaryi, os mais velhos e as mais velhas que são a memória viva do nosso povo, contavam histórias de animais e plantas.

Eu e as outras crianças da aldeia Linha Limeira ouvíamos e imaginávamos aquelas histórias. Para nós, as histórias eram e são reais. Ouvíamos e viajavamos para vários lugares e tempos, sem sair do lugar. Depois, quando fui crescendo, não aconteciam mais esses encontros de crianças e contadores de histórias. As histórias que mais me marcaram foram as histórias de Ojepotá. Para nós guarani são lembranças dos nossos antepassados. E vive na memória dos mais velhos e das mais velhas, que são sábios e sábias Mbya guarani e a memória viva do nosso povo. As histórias eram muito apreciadas pelos jovens, aonde vinham e vem com muitos ensinamentos, no qual a imaginação é o principal condutor para que pudéssemos ter uma dimensão de como aconteciam, eu digo, que é como um tipo de televisão dentro da cabeça de cada um, onde se fechava os olhos e viajava com tudo que o xeramõi falava e ensinava.

Quando me mudei para o Litoral Sul comecei a trabalhar numa chácara perto da aldeia Mbiguaçu, onde trabalhei por cinco anos. Eu não gostava muito de trabalhar em serviços de chácara. Saí desse emprego e fui trabalhar na escola da pequena terra indígena do Maciambu, em Palhoça/SC.

Foi na aldeia do Maciambu onde comecei a ter a ideia de trabalhar com as histórias Mbya guarani. Nessa aldeia na época a escola não tinha prédio próprio, era uma casa doada pela comunidade. Junto aos alunos da escola fomos buscar algumas histórias que alguém da aldeia ainda lembrava. Foi aí que comecei a pesquisar mais a fundo algumas das histórias do nosso povo Mbya Guarani.

Em outro momento, no ano de 2014, passei a trabalhar na escola Ka'akupe. Esta escola até hoje não tem prédio próprio, mas está em andamento a sua construção. A escola fica localizada no Amaral na Sorocaba de dentro, perto do Amâncio. Quando lá trabalhei a escola tinha seis professores (incluindo minha pessoa, no Amaral). Com muita aspiração resolvi fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina com esse tema,

mesmo porque sinto falta e saudade dos tempos em que íamos ouvir os mais velhos e as mais velhas para conhecer mais as experiências, sabedoria e o ensinamento, tendo em vista que em nossa cultura muitos conhecimentos partem de geração a geração. Essas recordações contribuíram para que eu seguisse meu sonho de me tornar professor, pensando nos conhecimentos que serão repassados para minha comunidade e a sociedade, se assim me for permitido.

O trabalho de conclusão de curso (TCC) na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica foi um começo de um projeto que fui realizando com um foco amplo, onde busquei colocar várias lembranças de acontecimentos mais conhecidos para todos nós guarani. No TCC escolhi três histórias: a história da cotia, da garça e do jacaré, a historia do Urutau e a história de como surgiu o milho kateto Guarani, que foram publicadas em 2020 como capítulo “Relações de vida para nós Guarani: três histórias dos mais velhos em palavras e desenhos” (Souza, 2020: p. 126-153).

Antes os xeramõi não contavam as lembranças de ojepota para crianças menores, por isso no TCC busquei as mais contadas entre as crianças e também aos jovens. Hoje já são contadas as lembranças para todos não importando muito mais para idade, porque estão se perdendo muito esses ensinamentos e porque cada lembrança vem junto com um ensinamento sempre com objetivos de ensino e conhecimento. Ninguém conta só por contar.

Na minha pesquisa da dissertação foi mais um passo dado, quero dar continuação para cada passo, e tanto o TCC como a dissertação de mestrado são conhecimentos que devem ser passados para futuras gerações, nas comunidades indígenas e também fora das aldeias nas escolas e comunidades não indígenas para também saber um pouco da nossa cultura e nos respeitar.

Lamento que hoje muitos anciões e muitas anciãs estão morrendo sem transmitir o que sabem aos mais jovens. Os jovens poderiam, desde cedo, aprender as histórias Guarani. É como minha avó dizia: “Tudo que os mais velhos contam sobre as histórias são todas verdadeiras para quem nasceu Guarani”. Este dizer de minha avó me provoca reflexões como acima apresentei. Portanto, busco trazer à tona o aprendizado que tive a honra de aprender, conhecer, viver e, acima de tudo, o respeito pelas palavras dos mais velhos.

3. INTRODUÇÃO

O que é Ojepotá? Para buscar responder a essa questão, precisamos começar conhecendo algumas histórias de Ojepotá. Quais são as histórias de Ojepotá? O que aborda a dissertação e como o faz? Então, penso que não dá para começar a introdução com o Ensino Fundamental. Penso que a perspectiva deve ser outra, deve sempre lembrar que essas histórias são contadas a partir da Opy, através das gerações, sempre buscando a importância do ancião, do mais velho. Não se trata da mesma história relatada nos livros da sociedade não indígena. Em nossa cultura aprendemos com os mais velhos nas conversas em nossa casa de reza chamada de Opy e nas rodas de fogo. Ali, debatemos temas pertinentes à nossa aldeia. Nesse movimento, todos participam, principalmente as crianças. Tudo isso, acompanhado pela fumaça do cachimbo Petynguá, fortalecendo nossa Fé.

No TCC de Sandra Benites ela fala dos cuidados para não jepota (sofrer transformação) enquanto está vivo:

“Com relação à alimentação, os meninos e as meninas não podem comer carne – principalmente bovina e suína –, apenas algumas caças. Mas, quando eles vão comer carne de caça, eles primeiro mastigam um pedaço e jogam no fogo. Isso é um ritual que todos devem fazer. As meninas comem sopas, frutas, comida com pouco sal e sem gordura. Elas seguem o ritual de pintura - existem várias pinturas corporais, que evitam jepota (sofrer transformação). As pinturas são proteções para o corpo. Geralmente, nessa ‘fase’ as meninas cortam o cabelo. Todas as atividades que os meninos fazem é para não jepota também. Para evitar ateïja, para aprender a acordar cedo, evitar o mau humor e manter o corpo sempre saudável” (2020, p. 171).

Sandra Benites enfatiza os cuidados para evitar jepota (sofrer transformação), como se deve lidar com a criança desde seu nascimento até passar para a vida de adulto. Ela ressalta a importância do batismo das crianças, e o modo dos pais como devem cuidar das crianças, como são dados seus nomes, como devem ser alimentadas, quais alimentos podem ser consumidos de acordo com sua idade e como e quando podem, tudo para não seguir num caminho de ojepotá.

No meu entendimento do ojepota pode ser interpretação de cada acontecimento, como também, por exemplo, o que acontece com a lagarta que vira borboleta. Esse exemplo no meu ponto de vista também é um acontecimento de ojepota, mas não na forma obscura que a palavra transmite para algumas pessoas. Muitos animais se transformam de várias maneiras variando de clima ou tempo e pode ser dito que ejepotaram. Na cultura guarani são usadas mais o ojepota como uma fonte de reconhecimento e cuidado e se você não seguir os ensinamentos pode passar para essa transformação na vida depois da morte ou até na vida mesmo. Foi o que eu tentei traduzir em desenho a partir do aprendizado com os xeramoí que dizem para olhar para a fumaça saindo do petyngua e pensar em um lugar onde não tem luz nem escuridão, mas sim a verdade. Isso pode ser visto em um dos desenhos com a fumaça saindo do petyngua, não é possível traduzir o que tem na fumaça, mas nos desenhos podemos traduzir como se entende, repassando assim os ensinamentos através da oralidade e sentimento do desenho. Vários assuntos não podem ser falados em português.

Acredito que

fazer traduções em desenhos de histórias guarani como as histórias de Ojepota pode visibilizar um pouco nossa especificidade e demonstrar de que maneira ela está sendo assegurada pela educação escolar indígena ou, melhor, de que maneira nós guarani estamos assegurando-a. Minha pesquisa pode contribuir para a garantia da especificidade da educação escolar indígena e do fortalecimento das práticas socioculturais de nosso povo. Pode também trazer contribuições ao ensino de várias áreas no ensino básico das escolas não-indígenas.

Nesse sentido, o porquê desta pesquisa se fazer também se justifica por atender ao parágrafo 2º, do artigo 210 da Constituição de 1988 que assegura “às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (BRASIL, 1988). Também os artigos 78 e 79 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação garantem a reafirmação da identidade étnica dos povos e a recuperação de sua memória histórica, além de elencar como objetivo o fortalecimento de suas práticas socioculturais e língua materna, além da especificidade de currículo e conteúdo e a elaboração de materiais didáticos diferenciados (BRASIL, 1996).

Um reforço que temos é a escola indígena nas aldeias, para respeitar a cultura indígena e também respeitar as outras culturas. Trata-se de que respeitem a nossa cultura não criando um pré-conceito ou estereótipos antes de conhecer. Ainda somos bastante

discriminados por sermos indígenas e, muitos dizem que os indígenas são sujos e anti-higiênicos.

Creio que seja porque não somos materialistas, não nos importamos com as vestimentas das pessoas, cada um é cada um. Sabemos da crítica que há sobre o cheiro de fumaça, mas não sabem que se trata de algo sagrado. O cachimbo com sua fumaça espanta as energias ruins e nos aproxima de Nhanduru. Os pés das crianças, por exemplo, têm a cor da terra, porque brincam sentindo a natureza, aprendendo a amar a Mãe Terra.

Nós que pertencemos ao Povo Guarani, e aqui eu faço uma caminhada com os Mbya, temos conhecimento que é passado de geração em geração à respeito da origem do mundo e das formas de vida nele. Essa é a forma que nós escolhemos como história. Não é a mesma história que nós aprendemos nos livros da sociedade não indígena. É a história que eu aprendi e que nós do Povo Guarani, da grande Nação Guarani, aprendemos com nossos anciãos e anciãs, nas rodas ao redor do fogo, nas nossas casas de reza, *opy*. Aprendemos para transmitir. Destaco que minha pergunta inicial é se é possível traduzir em desenhos essas histórias e de que forma. Um desenho pode ter o poder e magia para contar e traduzir uma história?

3.1.A tradução oral, escrita, grafias e desenhos

A tradução oral sempre parte dos mais velhos, com sua contribuição no entendimento da formação das palavras e seus sentidos. Busco com esta pesquisa apresentar desenhos traduzidos por meio da escuta das palavras dos mais velhos e das mais velhas, que são a memória viva do nosso povo.

Com relação a escrita guarani, não existe uma escrita padrão, e mesmo uma aldeia estando perto da outra as formas de escrita mudam, mas o sentido é o mesmo. Assim também acontece com relação aos desenhos, a forma de desenhos depende de cada aldeia e às vezes até de cada família.

No texto “O olhar da palavra: Escrita de resistência”, Marcia Kambeba também fala da importância de traduzir hoje em dia para a escrita e em desenhos as palavras e os ensinamentos repassados pelos mais velhos:

A palavra é sagrada, por ela ensinamentos são repassados e a cultura segue o fluxo sereno e calmo do rio. Aprender a escrever nos tempos de nossos bisavôs e avôs foi uma decisão

estratégica e necessária para a resistência dos povos até os novos dias. Existiam várias formas de comunicação e a verbal era uma delas, se não a principal. Os desenhos nas paredes e na pele trazem em si uma representação dessa linguagem imagética indígena. As narrativas sempre contadas pelos mais velhos, passadas de gerações em gerações, registradas em textos ilustrados, são fundamentais para o aprendizado de uma nova geração que já nasce sabendo que a escrita é uma ferramenta fundamental na sua história. A literatura sempre foi escrita com tintas de resistência, sendo que nossa primeira forma de registro da palavra era a memorização do assunto ou conto. Repetidas vezes uma história era contada e recontada para que fosse assimilada e jamais esquecida. Estrategicamente nossos mais velhos sabiam que precisavam deixar seus saberes presentes nos descendentes. (KAMBEBA, ano, p.)

Em seu livro *A terra de mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*, Kaká Werá Jecupé (2020) também destaca que:

A memória cultural também se dá por grafia-desenho, maneira de guardar a síntese do ensinamento, que consiste em escrever com símbolos, traços, formas e deixar registrado no barro, no traçado de uma folha de palmeira transformada em cestaria, na parede e até no corpo, por exemplo em pinturas feitas com jenipapo e urucum (JECUPE, 2020, p. 33).

Na minha pesquisa busco esse valor da memória viva através da tradução em desenhos, sempre com respeito pelas nossas leis e pelo que ouvi e aprendi dos mais velhos.

3.2.As leis existentes entre nós Guarani

Nhandeayvu rekorã. Há leis entre nós Guarani que precisam ser mantidas. As palavras faladas em nossa língua materna têm que continuar, seguir adiante, para frente, com as palavras certas. Orereko arandu porã nhandereko, nossos belos conhecimentos,

nossos costumes e culturas. É importante seguir a transmissão e nunca deixar de falar nossa língua materna no nosso cotidiano.

Quando chegamos como estudante indígena ao nível universitário redobrar o cuidado ao falar e fazer registros (orais, escritos, desenhos) à respeito da nossa cultura, nossos conhecimentos, nossa forma de viver. Como registrar, com a escrita e as técnicas do juruá, do não-indígena? É importante para nós, universitários, pesquisar com os xeramõi e xejaryi. Nós Guarani temos também uma educação sem ser escrita no papel com a fala mantida através da casa de reza, Opy, e da própria família. Na casa de reza se recebia e recebia as orientações da vida e de como viver. As crianças aprendem e aprendem até hoje pelos exemplos dos pais e avós, as músicas do xondaro, as danças, como caçar e pescar, e como construir uma família e ser bons com o próximo.

3.3. Conversa com xeramõi e caminhos da pesquisa

Javyju (bom dia), que bom que veio e trouxe a erva e o pety. Hoje é difícil os jovens e crianças virem procurar saber sobre as histórias dos xeramõi e xejaryi. Antigamente aqui na frente da minha casa nós e meus parentes, todo final de tarde, chovendo ou não, vínhamos aqui escutar as conversas dos mais velhos sobre suas vidas vividas e suas aventuras de quando eram novos e jovens. Gostávamos mais das histórias de Ojepotá, o que mais se ouvia. Tinha histórias que os próprios xeramõi tinham vivenciado que contavam para que nossa geração soubesse e para muitos não ir pelo mesmo caminho que muitos foram e se perderam nas suas caminhadas.

Vou contar e traduzir em desenhos algumas histórias de Ojepotá, mas antes disso, vou contar e traduzir em desenhos a história da origem do fogo, porque um xeramõi me disse que precisa iniciar a contar história assim, contando a história do fogo. É no fogo que os xeramõi podem ver imagens também, imagens que os inspiram para contar as histórias.

Faço as pesquisas com os mais velhos para saber das lembranças dos mais velhos. Nos tempos de hoje muitos dos nossos xeramõi e xejaryi então sendo muitos esquecidos pelos jovens da aldeia, pois com as influências das mídias e a tecnologia muitos estão deixando de lado a cultura, por isso muitos xeramõi e xejaryi estão levando suas memórias vivas juntos com eles para o seu descanso. Como tudo isso está acontecendo hoje em dia, está mais difícil fazer essas pesquisas, pois muitos já se foram.

Desde que me lembro, sempre procurei saber ouvir as lembranças dos mais velhos. Na aldeia da linha limeira no oeste de Santa Catarina, onde vivi minha infância, todos os finais de semana os xeramõi ao chegar o final de tarde sentava embaixo das sombras das árvores e contavam suas lembranças e as de seus ancestrais. Ali em mais de vinte ou trinta jovens, todos vinham para escutar. Entre essas lembranças, as de ojepota só eram contadas para os jovens por serem fatos obscuros de acontecimentos do povo guarani, desde então sempre busquei saber mais sobre o assunto.

Para meu trabalho de dissertação pesquisei os xeramõi que eu já conhecia e já tinha ouvido suas lembranças. Procurei seguir os mesmos costumes de ser um ouvinte de tudo que contavam, mas para o trabalho falei para todos que tinha em mente pesquisar e fazer um trabalho para a universidade com tema central o ojepota. Os xeramõi não gostam de falar para uma câmara, gravador ou celular. Sempre contam olhando para o fogo ou para o céu com seu petyngua na mão. Por isso na minha pesquisa fiz tudo primeiro só ouvindo, sem gravar. Depois de escutar volto pra casa, fumo meu petyngua e começo a transcrever, passando para a escrita já para o português. Depois de pronta leio para alguém da família para ver como ficou. Depois procuro o xeramõi e também repito para ver se está correto. Tem partes que os xeramõi não querem que colocamos na escrita, e tem palavras em guarani que não tem tradução. Assim, tem partes que são removidas. É fundamental esse passo da passagem do oral para a escrita e depois rever oralmente de novo, fazendo os ajustes e também para os pensamentos de como fazer os desenhos, que já tenho imaginado quando estou ouvindo os xeramõi. Depois busco e relembro a lembrança e como imaginei o acontecimento contado oralmente e aí começam os desenhos, cada um se encaixa na descrição de todas lembranças já escritas. Depois mostro os desenhos aos contadores, que sempre gostaram dos desenhos sendo sempre todos aproveitados. Os desenhos são os que mais demoram para serem feitos porque junta a parte do que foi contado com a minha e juntos forma um desenho que foi imaginado como se eu estivesse presente no acontecimento e no lugar que presenciou ou até fez parte do acontecido.

As partes do trabalho que os mais velhos pedem que não estejam na escrita são aquelas do lado pessoal ou de algum familiar que é para ficar só comigo, que não precisa ir para escrita, algumas brincadeiras que contam na hora em que estão falando algo sério, e também algo que está ligada ao espiritual.

Nós guarani temos como meio de transmitir conhecimento e aprendizado com a palavra falada oralmente, e as imagens, símbolos e desenhos são fontes de marcar, deixar para outro ver, saber algo ali deixado como aviso ou ensinamento. Hoje ainda vemos em vários lugares onde nossos ancestrais deixaram seus registros para todos ver e tirar sua conclusão exemplo está na ilha do Campeche (e também em outros lugares da ilha de Santa Catarina), onde muitos símbolos e desenhos em pedras foram deixados lá, marcando que passaram por lá ou que viviam constantemente nesse local.

Para mim, como eu vejo ou sinto é que fazer os desenhos complementa as falas contadas oralmente pelos xeramoî e xejaryi. Os desenhos dependem como eu imagino como foi o acontecido- Cada um tem seu tempo e vão criando formas de acordo com o que vejo na mente como se eu mesmo tivesse presenciado o acontecido. Um exemplo de quando nasce para mim um desenho: nos finais de tarde, depois dos trabalhos dos mais velhos, eles sentam nas sombras das árvores perto de suas casas ou vão na opy fazer seus rezos e fumar seu petyngua, para agradecer pelo dia, pela saúde e para pedir proteção das aldeias e de suas famílias. Nessas horas os jovens e familiares ficam todos juntos para eles contarem suas lembranças. Eles gostam de contar suas lembranças dos acontecimentos para vários ouvintes juntos, por isso quando é feito um pedido para fazer uma pesquisa com cada um sempre mandam ir nas suas casas nos finais do dia. O contar de um acontecimento nunca termina em um só dia. Os desenhos nascem sempre ali na roda de uma fogueira ouvindo o xeramoî, a mente tem que estar sempre ligada no som da voz do contador, e olhando para o fogo, pois é ali que os desenhos já começam a ser imaginados, como se estivesse vendo e fazendo parte do acontecido. Assim começa essa parte da imaginação que se transforma no desenho. Depois quando se mostra ao xeramõi ou xejaryi eles vão dizendo se faz parte ou não de todo o conjunto. A maioria não gosta de ser gravado ou filmado, fica a parte de ouvir com atenção com a mente focada em qualquer detalhe que se fala. Depois de ouvir tem as partes de por para a escrita e depois disso os desenhos se formam de acordo com cada fala escrita sendo complementados de forma visual, quando os desenhos vão sendo colocados juntos com a partes de cada escrita e assim contadas também visualmente.

Em todas as aldeias guarani tem a opy, casa de reza, Ela está relacionada ao espaço espiritual, e por isso todas as terras e aldeias Guarani precisam ter condições para poder ter no mínimo as condições fundamentais para seu modo de ser. Para nós Mbya Guarani é impossível não haver tekoá, espaços onde nós Mbya Guarani vivemos no nosso modo

e costumes- Na Opy mergulhamos no Mbya reko, ela é como se fosse a universidade, a primeira escola Guarani, onde a comunidade aprende os saberes e os valores, imergindo na espiritualidade que existe no nhandereko. Assim, a Opy é a verdadeira universidade e escola Mbya Guarani, onde os mais velhos ensinam os sentidos da vivência do mbya reko, e onde vivemos e conhecemos costumes e crenças, nosso modo de vida mbya guarani.

Quando pessoas da aldeia morrem, elas são veladas na opy'i, onde a família, parentes, amigos e conhecidos dão o último adeus, e era costume da comunidade desmanchar essas opy após velar seus mortos, mas com a matéria prima escassa, hoje em dia não está mais se fazendo isso, apenas construímos ou reformamos o mesmo. Hoje na aldeia Morro dos Cavalos a escola fez um opy'o para ser usado pelos alunos e quem visita a escola, para saber um pouco mais da opy'i sendo assim não o destruindo ou algo assim porque ali não se faz velório.

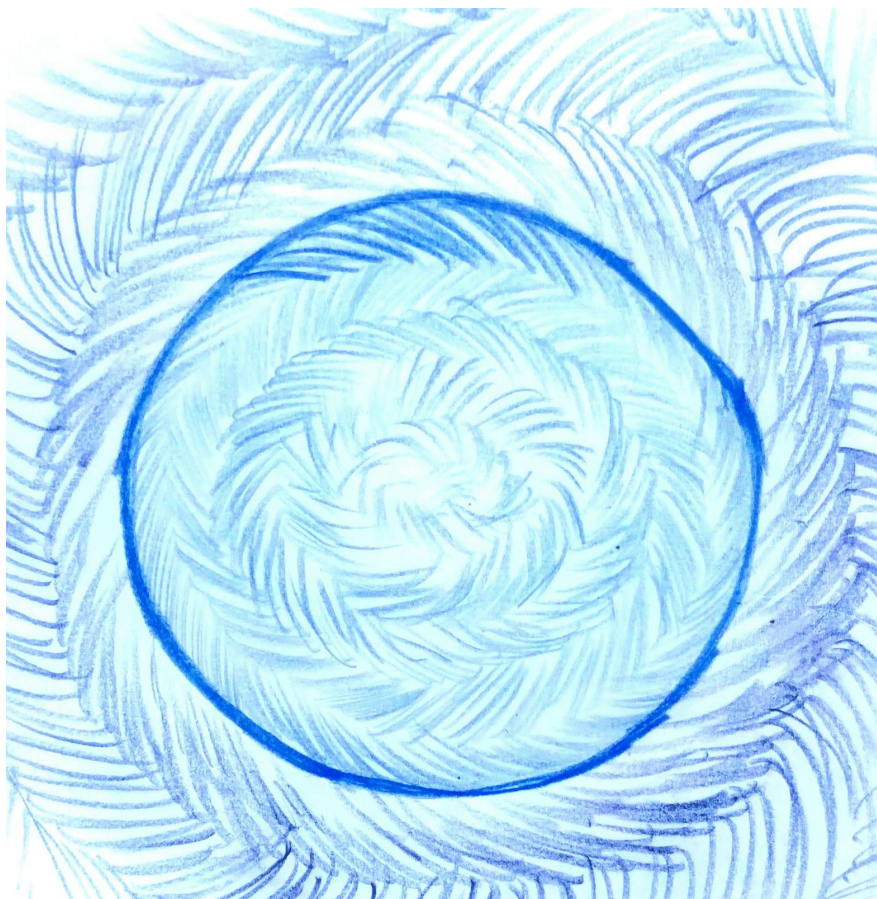
Na minha experiência de pesquisas com xeramoî e xejaryi para a universidade e até para trabalhos de disciplinas e trabalhos de escola onde trabalho vi os seguintes pontos: quando se vai fazer pesquisa de um tema específico, os mais velhos gostam de passar seus conhecimentos e suas lembranças mais do modo guarani, e quando começam contar suas lembranças sempre começa pelo começo de tudo até chegar no tema esperado pelo pesquisador. Nunca vai começar pelo o que se espera, pois sempre tem um começo anterior, precisa olhar para o aprendizado em primeiro lugar. Por isso na minha pesquisa decidi pôr no começo das falas do xeremoî onde ele começou suas lembranças, como ele soube que foi dado o fogo aos primeiros humanos.

4. HISTÓRIA DO FOGO

História do fogo contada pelo xeramõi Timóteo de Oliveira Karai Mirim.

Timóteo: Meus parentes vão contar para você e para que as futuras gerações nunca esqueçam. Vou falar sobre o mundo, como foi o surgimento do universo para a humanidade.

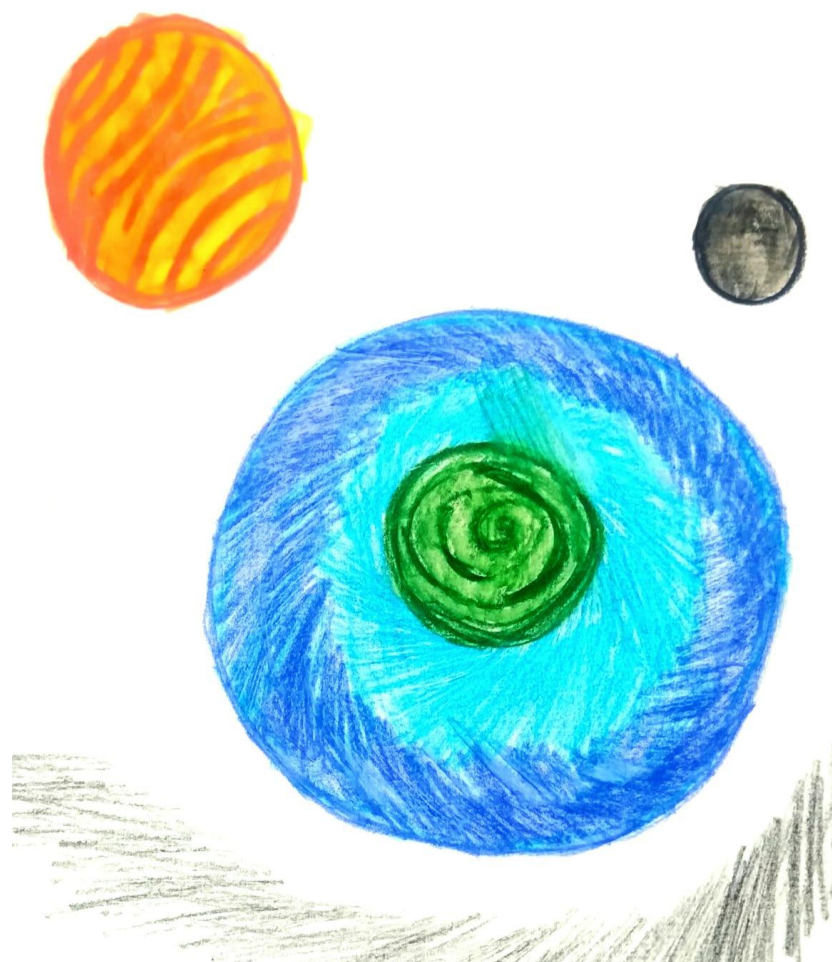
Figura 7: Começo de tudo — Desenho 7



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

Antes era tudo coberto de água do oceano. Nhanderu desceu do céu com um bastão e foi até o mar e encostou a ponta do bastão na água para criar a Terra. Depois que gerou a Terra.

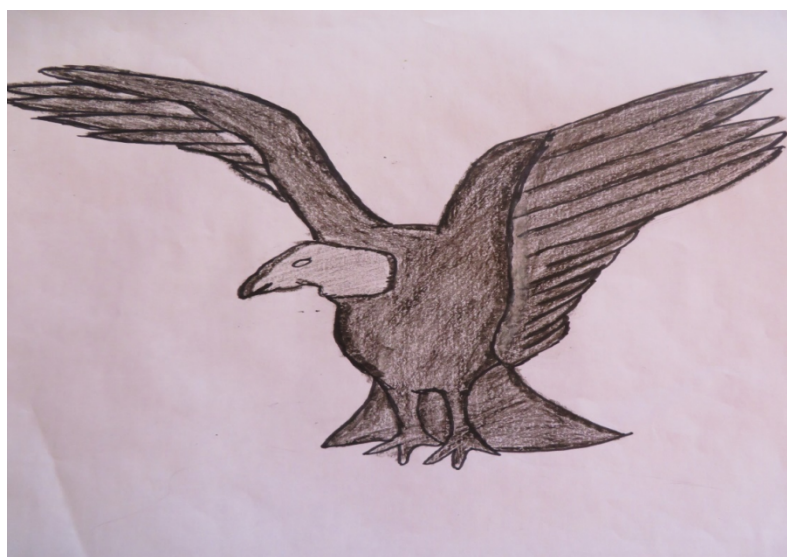
Figura 8: Começo da criação — Desenho 8



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

Nhanderu não quis trazer o fogo do céu para este planeta, na terra quem tinha o fogo eram os urubus, e eles não queriam dar este fogo para Nhanderu.

Figura 9: Urubu xâmpire portador do fogo — Desenho 9

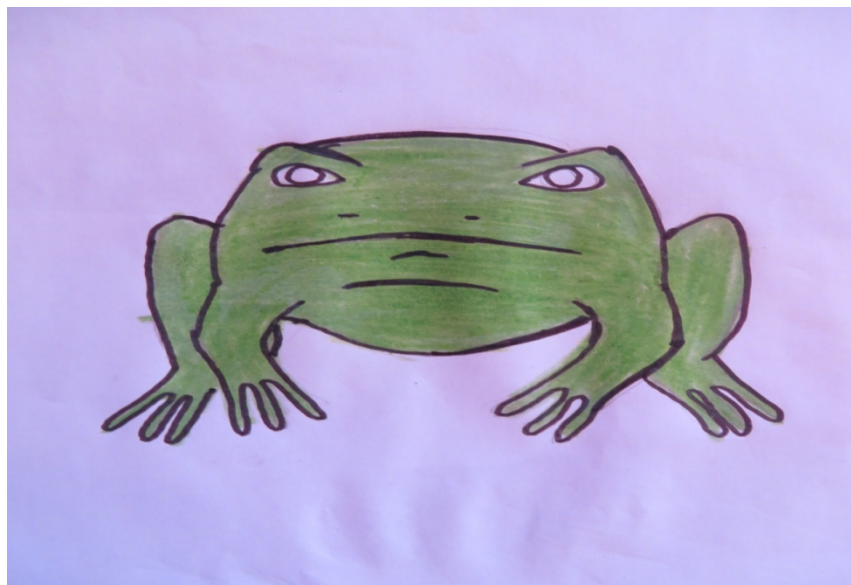


Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

Nhanderu teve uma ideia, criou uma estratégia, disse para o cavalo se fingir de morto e o sapo kururu, assim que eles se juntarem para fazer o fogo, ele se esconde num buraco perto .

O sapo obedeceu e fez como Nhanderu pediu.

Figura 10: Sapo Kururu, furtador do fogo — Desenho 10



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

Os urubus desceram onde estava o cavalo e fizeram uma grande fogueira, uma fogueira gigante.

Figura 11: Fogo dos xâmpire — Desenho 11



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

De repente o cavalo se mexeu com tanta força que espalhou as brasas para todos os lados.

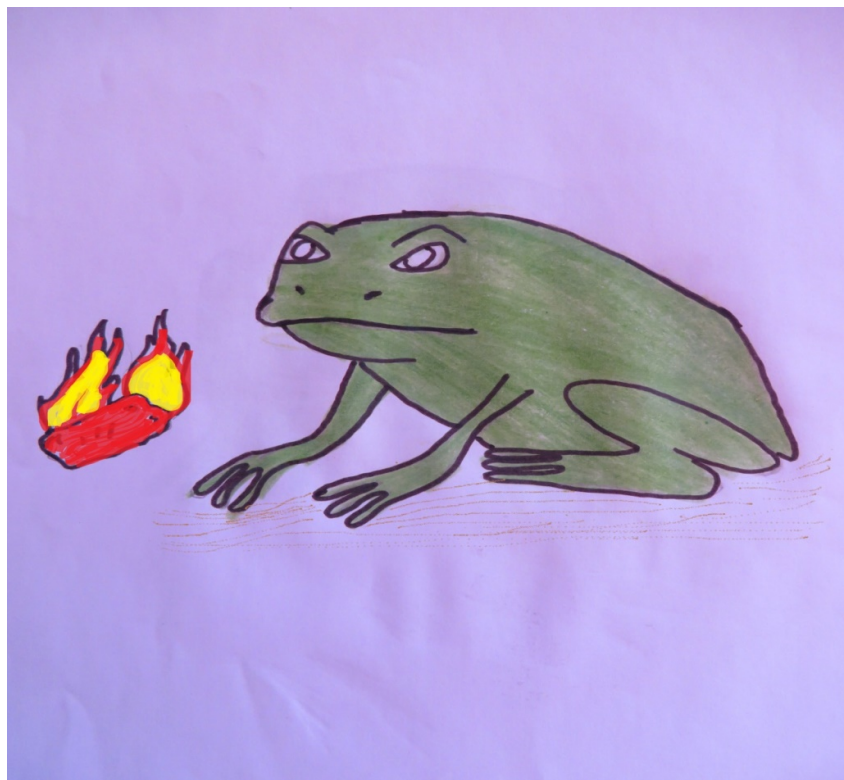
Figura 12: Kavaju — Desenho 12



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel).2020.

Assim o sapo escondido engoliu uma brasa.

Figura 13: Sapo kururu — Desenho 13



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

Os urubus pensaram que tinham levado todo o fogo com eles, e foi assim que Nhanderu criou o fogo na terra para ser usado pela humanidade.

Figura 14: Fogo para humanidade — Desenho 14



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020

Antigamente os mais velhos sempre contavam a história do fogo e muitas histórias. Hoje os mais novos não sabem contar mais nenhuma delas. Agora é difícil contar porque ninguém mais se interessa, ninguém quer saber mais disso, não sentam mais para ouvir os mais velhos.

Lembro das palavras de xeramõi: Vou contar para você, para as crianças que ouçam com atenção. Quando Nhanderu criou o mundo, não existia a noite, só o dia, era claro o tempo todo, não havia escuridão, já existia o pássaro que chamamos de coruja, e essa coruja que cantava para avisar Nhanderu quando deveria começar e terminar a noite. Nessa época outros pássaros serviam ao nosso Nhanderu, somente a ele. Como ele não bebia água comum, o beija flor levava o néctar para ele beber, e assim saciava a sede de Nhanderu, era isso que os mais velhos contavam.

5. HISTÓRIAS DE OJEPOTA

Figura 15: Ojepotá a transformação I — Desenho 15



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2019.

Há muitas formas de contar as histórias do ojepotá, que passa de geração a geração, desde os tempos antigos até os dias de hoje, na nossa cultura Mbya guarani. A história faz parte dos ensinamentos de preservação da vida e da pós-vida, e uma reflexão que se faz é a da pós-vida. Muitos de nós vivemos um dia após o outro como se nos preparámos para algo que nem mesmo sabemos o que é. Para nós guarani, quando nascemos, viemos com o corpo físico e dois espíritos que os povos não-indígenas chamam de alma e espírito.

A palavra Ojepotá pode ser traduzida como “transformar em outro ser” como sugeriu Adão Karai Tataendy Antunes no livro “Palavras do Xeramõi” (2008: 26).

Nas memórias lembradas e contadas do ojepotá pelos xeramõi, aconteceram com pessoas ainda vivas, porque na maioria das histórias só se ojepotá quando o ser vivo morre e deixa o corpo, e outro espírito toma conta do corpo fazendo a transformação, mas muitas

pessoas ainda ejepotam ou deixam o corpo ainda em vida. Um exemplo de Ojepotá que nós guarani ouvimos e vimos na própria aldeia ou fora, é quando o ser humano deixa de ser ela mesma, os não indígenas levam ao psiquiatra, os guarani levam ao pajé.

Quando a pessoa está no começo da transformação ou deixando aos poucos o corpo ainda vivo, o pajé faz seus rituais chamando a pessoa de volta ao corpo, que muitas vezes demora vários dias. Para que isso aconteça, muitos pajés falam que quando está no começo é bem mais fácil chamar o espírito de voltar para o corpo, por que ele escuta melhor os “rezos” do pajé e seus fortalecedores que são chamados para ajudar nesses rituais. Quando está muito avançado o ejepotá fica mais difícil, porque o espírito não consegue escutar mais bem o pajé o chamando de volta. Por isso os xeramõi sempre conversam com os jovens e com as crianças e cuidam dos outros xeramõi que sentem que estão perto de sua ida a Yvy marã e'ỹ, terra sem males. Se não tem nada acontecendo, todos os pajés xeramõi e seus ajudantes opita'í sentem quando alguém está prestes a ejepota, e sempre cuidam ou fazem o tratamento adequado que sempre sabem o que fazer.

As histórias contadas pelos xeramõi para nós, Mbya Guarani, sempre foram orais, mas nunca foram esquecidas, sempre repassadas de geração em geração. Nunca precisou que fossem escritas ou gravadas, mas hoje em dia até os xeramõi já pensam diferente, já sabem que é importante também escrevê-las em papel para serem lembradas depois. Essas histórias, antigamente e hoje, eram e são contadas para as crianças que estão em uma certa idade em que vão passar da vida de criança para a de adulto. A criança quando completar esse ciclo deve repassar os ensinamentos dos xeramõi para que outros possam ter uma vida digna e sem maldade no coração e na alma.

Figura 16: Nhemboé nghanhembaraete, O rezo de um xeramõi para o sol ao amanhecer —

Desenho 16



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

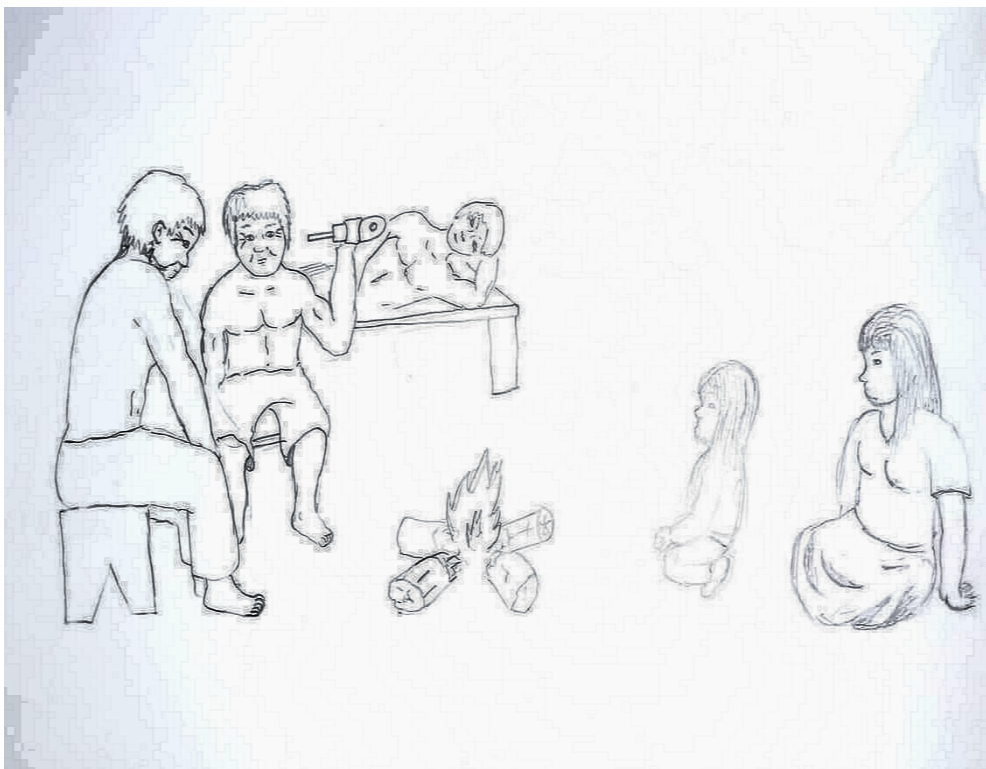
5.1. História de ojepotá contada por xeramõi Azelino Mariano

Esta história é contada pelo xeramõi Azelino Mariano, que a ouviu do seu pai, quando ele era jovem. Dizia ele que, quando uma criança de doze a quatorze anos ia passar da vida de criança para a vida adulta, a criança precisa fazer o ciclo de vida para a maturidade, sendo submetida a uma cerimônia, que os mais velhos fazem. Essa cerimônia se fazia antigamente, mas até hoje isso acontece em algumas aldeias.

Essa memória meu bisavô contou para meu avô quando estava já nos seus últimos dias de vida. Ele mesmo dizia que podiam se cuidar, e quando ele passasse para pós vida que todos cuidassem no seu túmulo, que ele estava sentindo que podia ojepota, que estava com medo que poderia vir como ojepota maligno ou não. Como ele era curandeiro e tirava feitiços de outras pessoas, algum espírito podia estar grudado em seu corpo nos seus últimos dias.

Assim começa o relato de meu bisavô Azelino Mariano, da etnia Mbya Guarani, que morava em uma aldeia do Oeste de Santa Catarina, na divisa com o Rio Grande do Sul. Ele hoje não está mais entre seus parentes e familiares, por isso a recontamos aqui:

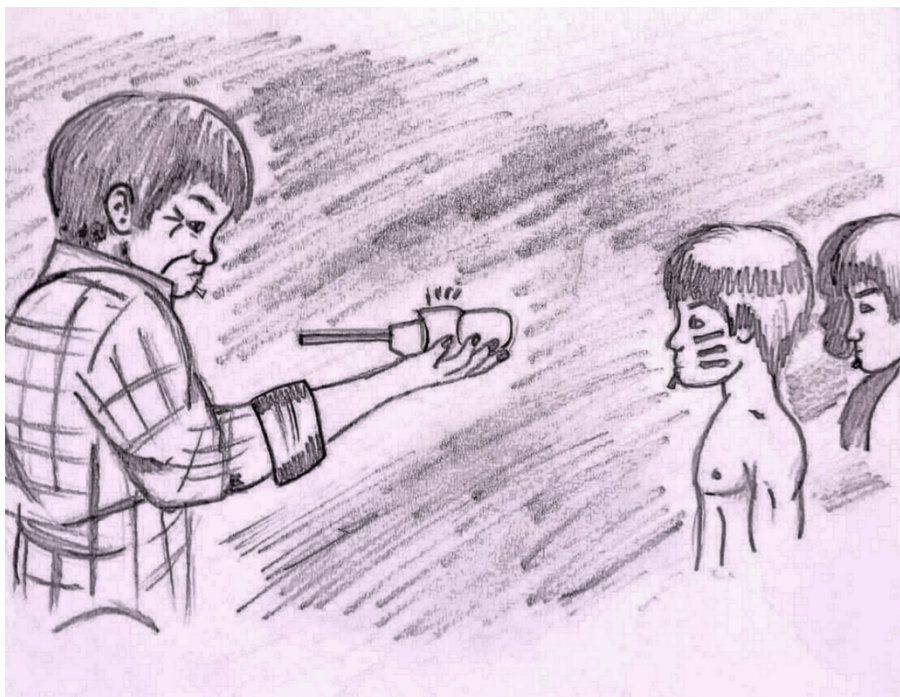
Figura: 17 Roda de conversa familiar — Desenho 17



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis e papel). 2019.

Quando ele estava na idade de se tornar homem, saiu junto com outros jovens para um ritual, no qual um ou mais xeramõi os levavam a uma caçada e colheita na mata. Na mata, ficavam uma semana ou mais, e voltavam para a aldeia só depois que tinham caçado e recolhido muitos alimentos e mantimentos para a aldeia.

Figura 18: Conselhos — Desenho 18



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis e papel). 2019.

Contou que, nesse ritual, saíram de manhã para uma local onde os xeramõi disseram que havia uma aldeia, a mais produtiva que eles conheciam, e que, antes, eles sempre faziam trocas de mantimentos nessa caminhada de vários dias. Era uma festa para os jovens, que caçavam, pescavam e iam recolhendo mantimentos.

Figura 19: Exploração — Desenho 19



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz e papel).2019.

Contou que, depois de alguns dias de caminhada e de caças, eles chegaram a uma aldeia. Todos estavam alegres e cansados, e logo procuram a casa do cacique. Quando chegaram na casa central, onde sempre fica o cacique e o karai, líder espiritual, não havia ninguém na casa. Foram de casa em casa e não acharam ninguém.

Figura 20: Sondagem — Desenho 20



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis e papel). 2019.

Ficaram pensando onde estariam as pessoas da aldeia. O xeramõi dizia que ali havia mais de trinta famílias, e que ele conhecia todas elas. O xeramõi olhou e disse:

– Meus netos, acho que saíram para alguma aldeia perto, para alguma festa. Os jovens ficaram quietos, não perguntaram nada mais, mas um deles falou:

– Como foram para festa e deixaram tudo em casa: seus adornos, suas panelas, suas vestes, suas comidas e mantimentos, entre outros pertences?

Falou isso porque, sempre quando os Guarani vão para algum lugar, eles levam a maioria das coisas para fazer trocas e dar algumas coisas a seus parentes. Todos ficaram pensativos, mas olhando ao redor da aldeia viram que toda a plantação estava boa para colher e as frutas, igualmente, no ponto de colheita. A aldeia estava bem farta. Todos os jovens ficaram alegres por tanta fartura e falaram assim:

– Vamos morar aqui, vamos trazer nossas famílias para cá, porque aqui tem tudo o que nossas famílias precisam: roças, mata, o rio cheio de peixe e muitas árvores que dão ótimos frutos.

Figura 21: Pesca e caça — Desenho 21



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis e papel). 2019.

O xeramõi não respondeu nada na hora, só disse para continuar a colher os alimentos e os mantimentos. Já era de tardezinha quando um xeramõi disse:

– Vamos lá perto do rio nos arrumar para dormir.

Um dos jovens reclamou:

– Mas por quê? Aqui têm várias casas vazias, quentes e fechadas onde podemos dormir sem perigo.

Mas os xeramõi ficaram firmes na decisão de dormirem perto do rio. Chegaram perto do rio onde havia muitas árvores grandes e altas. Os xeramõi falaram:

– Meus netos, agora vocês cortem cipós e subam nas árvores e se amarrem para dormir com segurança.

Mostrou-lhe qual tipo de cipó se podia cortar. Ninguém falou nada e fizeram o que ele mandou.

Figura 22: Coletas — Desenho 22



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis e papel). 2019.

No primeiro canto dos galos, por volta de meia-noite, todos já estavam dormindo, menos o xeramõi. De repente, eles ouviram barulho na mata: rugidos, misturados com fala. O xeramõi falou:

– Acordem meus netos, vocês vão ver porque não podíamos dormir nas casas da aldeia nem no chão.

Figura 23: Abrigo — Desenho 23



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis e papel). 2019.

Todos acordaram rapidamente. Assustados, olhavam para todos os lados, quando apareceu embaixo deles: uma criatura que eles nunca tinham visto antes na mata. A criatura ficou olhando para eles com a cara de que tinha vontade de comê-los. O xeramõi falou com a criatura:

– Olá, meu nome é Azelino, o karai (pajé) da aldeia do outro lado das montanhas.

Figura 24: Diálogo com ojepota I — Desenho 24



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz e papel). 2019.

A criatura ficou parada, abaixou a cabeça e falou com o xeramõi:

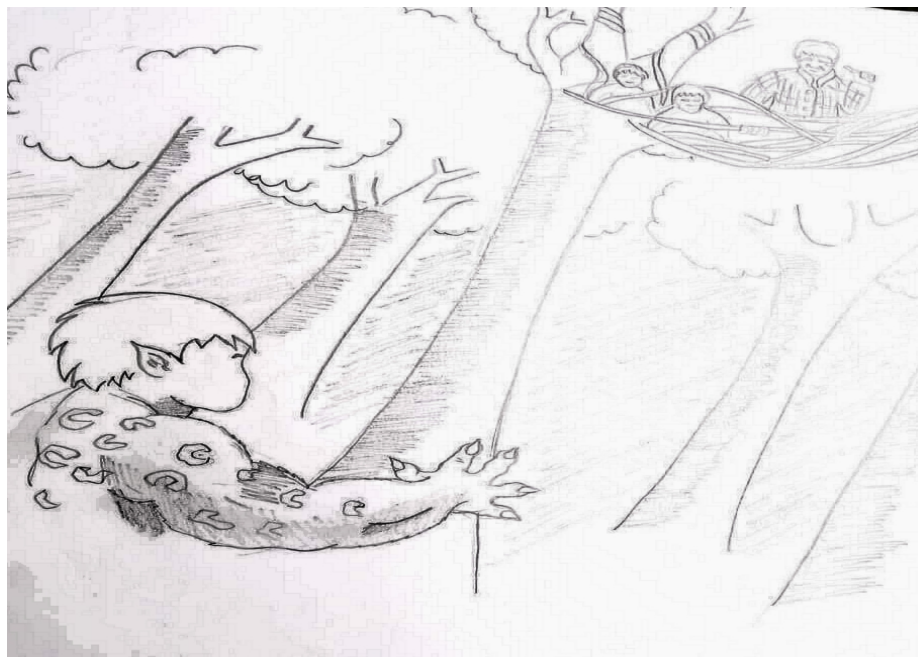
– Desculpe meu parente, meu nome é karai Alcides, não vi que vocês não eram da minha aldeia.

O xeramõi disse:

– Por que estás assim? E tua família e teus parentes da aldeia? Onde estão?

A criatura ficou quieta por alguns minutos com vergonha de falar, mas depois, falou:

Figura 25: Diálogo com ojeputa II — Desenho 25



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis e papel). 2019.

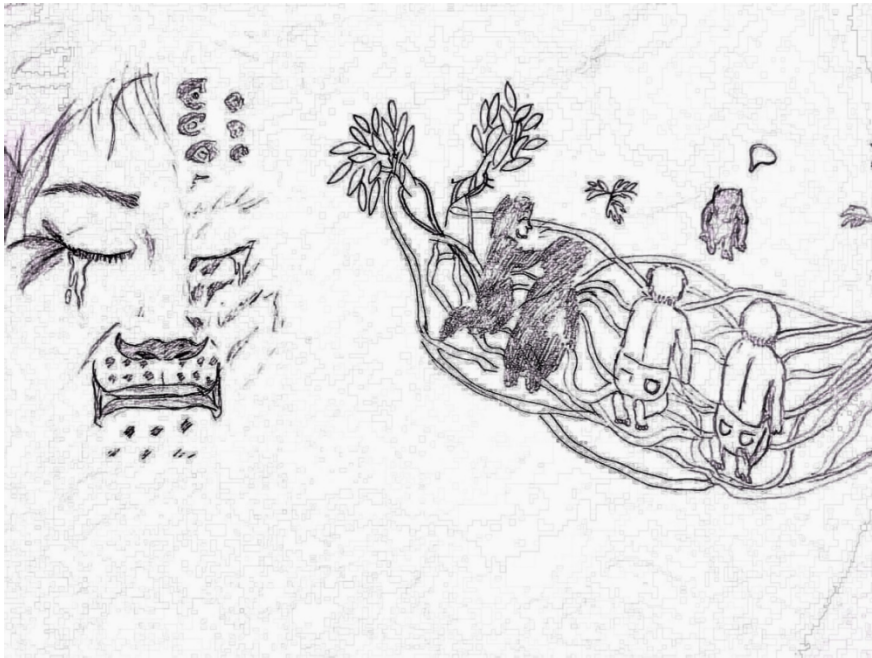
– Eu avisei para eles que quando eu morresse, era para me enterrarem com os punhos, os pés e o pescoço amarrados com o cipó guembe (cipó feito da banana có), e que me cuidassem por uma lua depois de minha morte, porque eu iria ojeputá. Mas eles não me deram ouvidos, nem me cuidaram depois que me enterraram. Então renasci e vim com essa fome insaciável. Comi toda minha família e meus parentes da aldeia.

O xeramõi pegou seu petyngua (cachimbo e fumo de corda usado pelos pajés para rezar e fazer curas), e disse:

– Vou rezar por sua família e por você.

O xeramõi fumou e rezou. A criatura ojeputá ficou de joelhos sem poder se mexer até a reza do xeramõi acabar. Então se levantou com vergonha de todos os jovens, que olhavam com medo. Os xeramõi não estavam com medo. O ojeputá disse assim:

Figura 26: Memória do Ojepota — Desenho 26



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz e papel). 2019.

– A partir de amanhã de manhã levantem bem cedo todos os dias, se não vocês também vão ojepotá. E, ainda vivos, sempre escutem os mais velhos, porque eles têm o conhecimento da verdade. Vão passá-la para vocês, para não se tornarem isso que eu sou hoje. E ainda amanhã recolham tudo o que puderem da aldeia, tudo que puderem levar das roças e das casas, como as frutas. E antes da noite vão embora, pois posso não ter mais consciência. Porque a cada hora que passa não lembro mais da minha vida de quando eu estava vivo.

O xeramõi perguntou:

– Você renasceu e se levantou quando, seu Alcides?

O ojepotá falou:

– Há sete dias eu saí do meu corpo velho e vim para esse corpo, e daqui alguns dias não haverá mais sentimentos e consciência do meu corpo antigo.

O dia nem tinha amanhecido e todos já estavam acordados. O xeramõi acordou e disse:

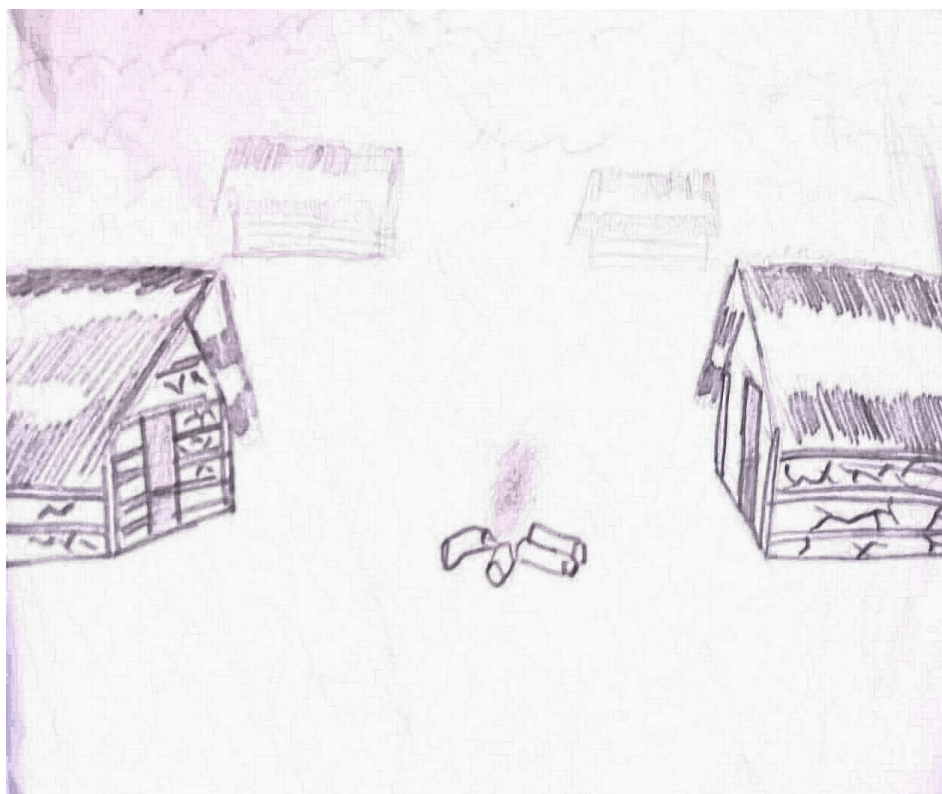
– Vamos arrumar as coisas e vamos colher, pegar tudo que pudermos levar e, antes da noite, iremos voltar para nossa aldeia.

Passava do meio-dia, os jovens já estavam todos prontos para voltar para a aldeia deles, todos com medo. Só os xeramõi, com muita tranquilidade, ajeitavam as coisas sem preocupação nenhuma.

Os jovens, com medo, falaram para os xeramõi:

– Vamos embora, estamos todos com os mantimentos prontos, vamos o mais rápido possível.

Figura 27: Aldeia vazia — Desenho 27



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis e papel). 2019.

Os xeramõi, calmos, falaram:

- Calma, meus netos, fiquem tranquilos, não fiquem com medo. Vocês podem fazer tudo com tranquilidade. Sem ter medo nenhum, podemos ir em paz para casa. Se o ojepotá fosse nos comer, ele já teria nos comido ontem à noite, mesmo que nós estivéssemos nas árvores amarradas. Mas ele nos deu uma chance porque vocês não conheciam como eles nascem e surgem. A partir de hoje vocês sabem, então se cuidem. Cuidem de suas famílias, afastem-se de tudo que for de ruim, quando tiverem filhos ensinem tudo para eles, o lado bom e saudável da vida, que tudo ficará melhor. Que seus

filhos e netos não vejam o que vocês viram, porque é uma experiência que vai ser transmitida para seus netos e que seus netos vão passar para os netos deles.

Os xeramõi e seus netos foram para sua aldeia e cada um para suas casas. Os jovens constituíram famílias e, com os ensinamentos passados pelo xeramõi, ensinaram seus filhos, que até hoje repassam esta história de geração em geração.

Os xeramõi, hoje em dia, falam que alguns não estão repassando os ensinamentos para seus filhos e que os ojepotá começaram a sair de novo, que estão na preparação para uma nova era.

Por isso é muito importante repassar os ensinamentos para as novas gerações.

Apresentei uma primeira versão dessa história de ojepota no II Seminário Internacional Etnologia Guarani: redes de conhecimento e colaborações, organizado pelo Centro de Estudos Ameríndios (CEstA/USP) entre os dias 24 a 27 de setembro de 2019, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP.

Uma outra versão dessa história de ojepota com um desenho foi publicada no livro *Ojepotá e outros tristes contos tétricos*. O livro foi fruto do trabalho final da disciplina “Tradução Comentada”, ministrada pela professora Dirce Waltrick do Amarante no segundo semestre de 2019.

5.2. História de ojeputa contada por xejaryi Cristina: Kunhã ojeputa pira guire

Essa é uma lembrança da Dona Cristina Fernandes. Foi num dia no intervalo de uma aula do EJA ensino fundamental, estávamos nós todos conversando sobre aquele dia quando ouvimos um barulho perto da escola onde passa um pequeno riacho. Ela disse: ah deve ser a mãe dos peixes. Eu e a professora que estava junto ficamos com a dúvida do que a mãe dos peixes fazia perto da escola e num riacho bem pequeno. Em sala de aula fomos perguntando quem era a mãe dos peixes. Dona Cristina falou que a mãe dos peixes estava dando um aviso que o mar e os rios estavam cheios de peixes para poderem ser pescados. Nesse mesmo tempo ouvia e assistia na televisão as notícias que era o mês da tainha, e muitas pessoas da aldeia desciam para o rio e vinham com muito peixe, que estavam pegando muito com muita facilidade. Uma versão dessa mesma memória de dona Cristina foi publicada no livro da Ação de Saberes Indígenas da UFSC.

Há muito tempo atrás, havia uma menina que gostava de ir ao rio nadar. Ela ia todos os dias com seus irmãos, mas ela sempre demorava a voltar para sua casa.

Figura 28: Menina moça — Desenho 28



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2021.

Um dia a mãe falou para ela: "filha você não pode ir todos os dias no rio".

Figura 29: Conselho de mãe — Desenho 29



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2021.

A moça então perguntou: "mãe, mas por que eu não posso ir todos os dias no rio?"
Então a mãe respondeu: "porque você pode se apaixonar pelo espírito da água".

Figura 30: Seres ocultos — Desenho 30



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2021.

“Os seres das águas não podem sentir muito o seu cheiro”. Mesmo assim, a moça continuou indo no rio todos os dias.

Um dia a moça foi ao rio e começou a trazer peixe para casa e seus irmãos falaram: "como nós homens vamos pescar e a gente não pega tanto peixe assim".

Figura 31: Fartura de peixes — Desenho 31



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2021.

Um dia a moça não obedecia mais a sua mãe e foi para o rio. Seus irmãos foram espiar para ver como ela pegava tanto peixe. Ao olhar sem que ela percebesse, viram a moça sentada na beira do rio conversando com alguém. Era um enorme peixe que estava ali falando com ela e trazia pequenos peixes para a moça pôr no cesto para levar para sua casa.

Figura 32: Encantamento — Desenho 32



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2021.

Quando os seus irmãos falaram com ela, a moça caiu na água com o susto que levou quando percebeu que seus irmãos a tinham visto falar com o grande peixe.

Figura 33: Susto — Desenho 33



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2021.

Então o grande peixe arrastou a moça para as profundezas do rio, e após alguns meses os seus irmãos foram pescar e escutaram uma voz feminina cantando a beira do rio. Quando viram era a sua irmã, que já estava transformada metade peixe e metade humana.

Figura 34: Ojepota com o ser da água — Desenho 34



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel).2021.

A partir desses dias ela passou a ser a mãe dona dos peixes.

Figura 35: Transformação, mãe dos peixes — Desenho 35



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2021.

5.3. História de ojepotá contada por xeramõi Adão Antunes: Ipy Rovai

Certo dia o xeramõi reuniu todos os jovens e todas crianças da aldeia na casa de reza para ouvirem os conselhos e história do xeramõi. Entre muitos jovens e crianças havia um casal de jovens que estavam comprometidos para se casarem no dia seguinte.

Figura 36: Conselhos do xeramõi — Desenho 36



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

O xeramõi aconselhou aquele casal, e contou as regras que eles tinham que seguir depois do casamento. Também explicou quanto aos filhos que o casal teve, como que eram para serem seguidas as regras dos recém-nascidos. Contou que quando nasce uma criança o pai e a mãe do recém-nascido precisam ficar de resguardo por 90 dias e nesses 90 dias o casal não poderia comer nem um tipo de carne, porque se eles comessem carne eles poderiam ser possuídos pelo espírito da mata. Foram esses os conselhos que o xeramõi deixou para o jovem casal naquela noite.

Figura 37: Casamento — Desenho 37



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Quando chegou o dia seguinte os dois se casaram, e passados alguns meses, a mulher engravidou e o casal ficou muito contente pelo filho que estava para chegar. Logo a criança nasceu e o casal continuava mais feliz ainda e prometeu seguir todas as regras que o xeramõi tinha passado para eles para que tudo ocorresse bem.

Figura 38: O nascimento — Desenho 38



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Passados alguns dias o pai do recém-nascido começou a sentir desejo de comer carne e falou para a sua esposa. “Vou ter que sair na mata para caçar, estou com muita vontade de comer carne, estou me sentindo fraco, preciso comer carne”. A esposa preocupada com o seu esposo falou para ele: “Você não pode sair para caçar, porque o nosso filho ainda não completou os 90 dias, ele ainda está muito novinho. Você esqueceu as regras que o xeramõi nos contou? Se você sair e andar na mata você pode ser possuído pelo espírito da mata”.

Figura 39: Teimosia — Desenho 39



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Mas o jovem era muito teimoso, não quis nem saber das palavras que a esposa tinha falado e falou que não acreditava em nada do que o xeramõi tinha falado para ele. Pegou seu arco de flecha e saiu para a mata para caçar. O jovem caminhando pela mata se aproximou de um rio e atravessou o rio nadando e estava com a certeza de que do outro lado do rio ele iria encontrar uma caça.

Figura 40: Atraído — Desenho 40



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Chegando do outro lado do rio ele andou alguns metros na beira do rio e logo começou ver pegadas de animais. Ficou feliz e pensou: “Vou seguir uma dessas pegadas para conseguir caçar algo” - mas logo ele começou perceber uma pegada que parecia ser de um humano, então decidiu seguir essa pegada para ver se encontrava outra aldeia ali do outro lado do rio. Ele começou a andar na mata seguindo essa pegada, já estava cansado e com fome de tanto caminhar, porque já tinham se passado várias horas sem se alimentar, mas continuou seguindo as pegadas. Ele andou e andou, de repente sente que alguém está se aproximando dele e ele curioso para ver quem estava se aproximando, andou mais rápido.

Figura 41: Ser encantado ojepota — Desenho 41



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

De repente ele avistou um terrível animal com traços humanos, mas muito peludo e tinha os seus pés virados para trás e esse animal começou a se aproximar dele. Ele ficou tão desesperado que se esqueceu de pegar sua flecha para atirar no animal. Virou as costas para fugir, mas não deu mais tempo, o animal estava muito próximo com aquelas unhas grandes e mãos peludas, se aproximou dele e o pegou em seus braços. Com muito medo, lembrou das palavras do xeramõi, e lembrou de sua esposa, lembrou de seu filhinho.

Figura 42: Encantamento com o ser — Desenho 42



Fonte: Elaborado pelo autor (lápido de cor e papel). 2022.

E, naquele desespero de estar sendo levado por aquele terrível animal pensou: “Esse deve ser o espírito da mata que o xeramõi sempre me falava”, foi então que ele começou a lembrar dos conselhos que sempre ouvia do xeramõi, sabia que tinha quebrado a regra do resguardo pelo seu filho recém-nascido e por isso estava acontecendo aquilo com ele. Esse animal o levou até a sua caverna para viver com ele, pois era uma fêmea, levou ele para casar-se com ela. Ele casou-se com aquele animal e passou a viver como prisioneiro, tinha que ter um relacionamento como marido e mulher com esse animal horrível.

Figura 43: Ojepota grávida — Desenho 43



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Passado algum tempo juntos, logo em seguida aquela fera engravidou do jovem. Ele passou a viver como um animal e o aceitou como esposa porque não tinha outra opção, mas sempre que ele podia tentava fugir, mas nunca conseguia porque sempre estava sendo vigiado por aquele animal.

Figura 44: Ipy Rovai — Desenho 44



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Meses depois nasceu o filho deles e ele deu o nome ao filho de IPY ROVAI porque o bebê nasceu com os pés virados para trás, era um humano como ele, mas tinha os pés virados para trás como a mãe dele. Depois do nascimento de Ipy Rovai, o jovem ficou se sentindo um pouco mais feliz por que Ipy Rovai aprendeu a falar como ele. Também tinha conseguido ganhar a confiança da esposa que era o animal feioso e passou a planejar a sua fuga, mas agora ele não estava sozinho, ele podia contar com a ajuda de seu filho Ipy Rovai para fugir e iria levar seu filho junto com ele. Mas enquanto isso não acontecia, sempre tentava viver de bem como uma verdadeira família, os três juntos, o jovem, a fera e Ipy Rovai.

Figura 45: Estratégia de fuga — Desenho 45



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis de cor e papel). 2022.

Ipy Rovai conhecia a mata como a palma de sua mão, começou a preparar a mata para fugir com seu pai. Um dia o jovem convidou seu filho e saíram para caçar sem que a fera o vigiasse. Começaram a caminhar pela mata, passando algumas horas à fera deu falta deles e começou a procurar por eles. Ao perceberem que a fera estava à procura deles foram em direção ao rio onde do outro lado estava a aldeia de onde ele havia saído e deixado sua verdadeira família.

Quando chegaram à beira do rio, o jovem lembrou que a fera não gostava de água. Ele tinha a certeza de que ela não iria pular na água. Muito assustado ele olhou para seu filho e falou: “Meu filho, desculpe, vou ter que te deixar, mas te prometo que eu volto para te buscar”.

Figura 46: Fuga — Desenho 46



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis de cor e papel). 2022.

O jovem se jogou e atravessou o rio e quando ele chegou do outro lado do rio, saindo da água ele olhou para trás e viu que a fera, a mãe do filho dele, estava à margem do outro lado com o filho o Ipy Rovai. Ela ergueu o filho mostrando para ele e jogou na água. Mesmo assim ele saiu da água e continuou fugindo. Já cansado da caminhada ele subiu em uma árvore para descansar e pegou no sono.

Assim que dormiu, ele teve um sonho. Sonhou que o seu filho Ipy Rovai havia atravessado o rio e estava a sua procura. Quando os primeiros raios do sol tocaram o seu rosto, ele acordou e resolveu voltar para a beira do rio. Chegando lá escutou um assobio de alguém que estava ali na margem do rio no mesmo lado onde ele estava. Ele foi em direção do assobio e ali estava o seu filho, só que já estava crescido. O filho dele falou para ele que não iria poder acompanhá-lo, mas que ele sempre iria estar por perto para

proteger o seu pai e os outros seres da mata. “E foi assim que passou a existir o dono da mata, que protege todos os seres vivos da mata”. Assim, algo que era para ser ruim passou a ser bom!

Figura 47: O ser protetor da mata — Desenho 47



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Nesta história percebemos o que aconteceu com o jovem que desobedeceu às regras das histórias contadas pelo xeramõi. Vimos que ele causou um sofrimento muito grande para ele mesmo. O final da história fala que o jovem humano, ao chegar de volta em sua casa onde estava sua esposa e seu filhinho que havia deixado ninguém mais o reconheceu e quando ele disse quem ele era, as pessoas não trataram mais como uma pessoa normal, mas como uma pessoa que não entendia direito sobre a vida.

5.4. História de ojepotá contada por xejaryi Etelvina Bolantir: Xivi re ojepota va'ekue

Lembrança contada pela xejaryi Etelvina Bolantir, que sempre conta suas lembranças dos seus avós para seus netos. Ela sempre gosta de estar repassando os costumes e histórias através da oralidade. Essa lembrança do xivi re ojepota va'ekue, ela contou para seu filho Aladio Bolantir Mariano que também é um ouvinte e professor, também faz Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina. Ele soube que eu estava nessa linha de pesquisa sobre as memórias vivas em parte do ojepota, e me contou que sua mãe conta várias lembranças antigas dos nossos antepassados e que eu podia estar ouvindo-a. Ele me contou a versão dele de como ele escutou, e depois eu fui pesquisar ela e ouvi dela a sua lembrança aqui escrita e desenhada.

Figura 48: Aldeia — Desenho 48



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

A muito tempo atrás, em uma aldeia na divisa de Santa Catarina com o Paraguai havia uma família, a mãe, o pai, e dois irmãos, tinham uma casinha e uma roça.

O mais novo ajudava com as tarefas de casa e também na roça com o pai. O irmão mais velho era difícil fazer as tarefas, porque ele saía para caçar e voltava sempre tarde, toda a tarde era assim.

Figura 49: Caça — Desenho 49



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Ele sempre trazia tatu da mata, na época era o que mais caía na armadilha. Houve um tempo em que repetidas vezes o tatu que ele trazia sumia. E ninguém sabia por que que a caça que ele trazia desaparecia. Mas mesmo assim o mais velho sempre saía sozinho e

trazia tatu. Todo dia ele trazia, mas era raro eles comerem porque sempre desaparecia. Teve um dia em que sua mãe lhe falou que não era para ir na mata todos os dias, que isso fazia mal para todos e principalmente poderia fazer mal para ele. Os deuses falam que a gente nunca pode caçar sempre todos os dias, mas só quando necessário, nunca deveria ser muito. Mas ele não escutava e sempre ia na mata na floresta caçar.

Figura 50: Espionando — Desenho 50



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Certa noite o irmão mais novo não conseguiu dormir e ficou acordado a noite toda. Foi aí que começou a perceber algo estranho com seu irmão. Como de costume, o irmão mais velho sempre trazia carne de caça para sua família, deixava numa mesa ou em cima pendurado. Foi nesse instante quando o irmão mais novo estava olhando para a fogueira que ele ouviu e viu o irmão dele se levantar e viu que ele estava sentado em frente na direção da carne que estava na mesa. Ele viu como seu irmão se levantou e foi para fora da casa.

Figura 51: Saindo em noite de lua cheia — Desenho 51



Fonte:

Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Era noite de lua cheia, pois podia se ver com clareza lá fora. O irmão mais novo começou a olhar por um orifício que tinha na casa que era feita de barro e palha e conseguiu ver seu irmão lá fora. Ele se assustou quando viu que seu irmão estava correndo e depois viu como ele saltou três vezes dando pirueta lá fora. Foi aí quando observou bem e percebeu que ele estava entre quatro patas, ele não sabia o que era ainda e achou estranho e esquisito. Depois voltou a dormir pensando que era só coisa da cabeça dele.

No dia seguinte de manhãzinha o irmão mais velho dele foi na floresta de novo para caçar e foi aí que o mais novo conversou com os pais, principalmente com o pai dele. E ele disse: eu acho que meu irmão não está bem. E o pai dele virou para ele e disse: Como assim? Como é que você sabe que não tá bem?

Então ele disse que viu algo estranho na noite passada, contou que ele ficou acordado e relatou o que viu para o seu pai, que depois relatou para sua esposa.

Mesmo falando assim os pais não acreditaram no que o irmão mais novo estava falando. Então ele disse: se não acreditam, não durmam hoje à noite.

Então foi isso que eles fizeram. Eles não dormiram e como sempre de costume o irmão mais velho voltou com a caça e deixou no mesmo lugar. Assim anoiteceu e eles dormiram.

Figura 52: Casa da família — Desenho 52



Fonte: Elaborado pelo autor (lápis de cor e papel). 2022.

E nesta noite o irmão mais novo não dormiu e ficou vigiando, pois queria mostrar que estava certo o que ele estava falando. E como na noite passada o irmão mais novo viu primeiro seu irmão sentado na fogueira, depois se levantou e foi para fora. E novamente, como foi quase no mesmo dia da lua cheia ainda dava para ver o clarão lá fora e aconteceu a mesma coisa: o irmão mais velho deu 3 cambalhotas e caiu em quatro patas. Nesta noite ele continuou observando e quando viu que a porta estava se abrindo de tanto medo ele baixou um pouco a cabeça fingindo que estava dormindo.

Figura 53: Ojepota observando — Desenho 53



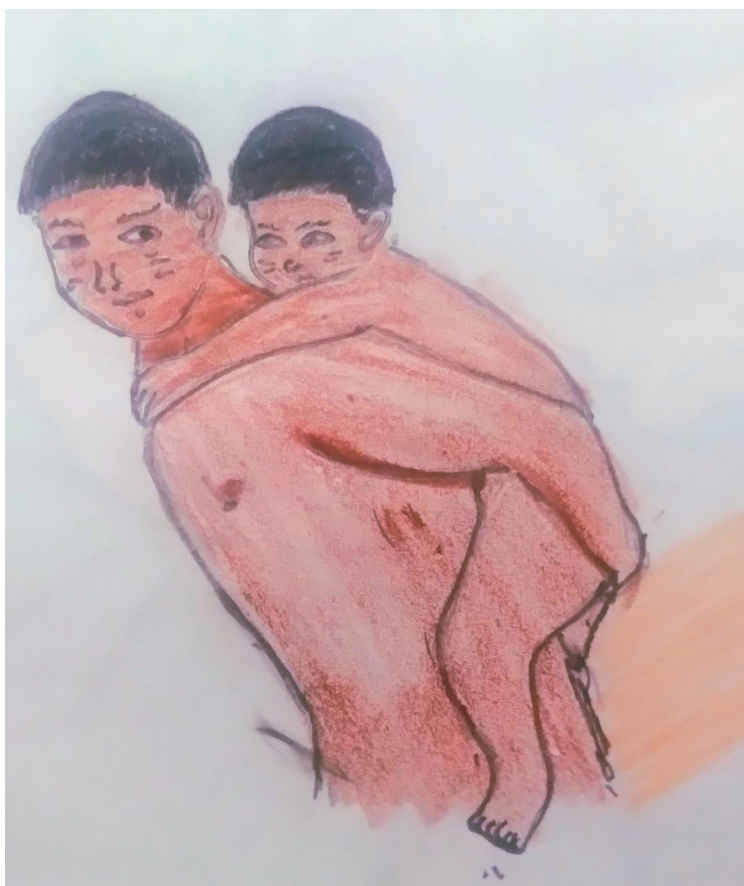
Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Depois ele olhou devagarinho, levantou a cabeça e viu um animal felino enorme sentado na frente da casa. Então ele acordou seus pais devagarinho falando: acordem, olhem como está o meu irmão, agora vocês acreditam em mim?

Então os dois se olharam e falaram que ele não estava mentindo. Viram assim seu filho mais velho daquele jeito olhando para caça e comendo e era por isso que estava desaparecendo o alimento. No dia seguinte o irmão mais velho como de costume novamente foi para mata caçar e nesse tempo os pais já tinham uma rota, um plano de fuga.

Eles combinaram de ir até a aldeia e avisar os guerreiros para poderem ajudar, era muito longe, depois de um rio muito grande. Então eles arrumaram um pouco as coisas que tinham e fugiram enquanto o irmão mais velho estava na mata, pois nesse tempo já era a última transformação definitiva do irmão.

Figura 54: Fugindo do ojepota — Desenho 54



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Nesse tempo em que o irmão mais velho estava na mata, o pai carregou nas suas costas primeiro o irmão mais novo. Assim carregou, atravessou o rio e falou para esperar pois ia trazer a mãe dele também.

Então o pai dele foi e trouxe a mãe deles, mas enquanto eles estavam atravessando o grande animal que já havia sido transformado viu que sua família estava fugindo e começou a nadar atrás.

O irmão mais novo estava gritando desesperado para que os pais pudessem nadar mais rápido, mas a correnteza também era muito forte e como um animal que se transformou ele era mais ágil.

Eles estavam quase atravessando o rio quando o bicho conseguiu alcançar eles e começou a atacar eles. Na verdade eram os próprios pais dele e os dois foram devorados por ele.

Mas de alguma forma ele conseguiu reconhecer seu irmão mais novo e pediu que ele fosse novamente para casa, voltando para o lugar onde eles estavam morando. Então o irmão mais novo, mesmo com medo, seguiu o bicho e montou nas costas dele para atravessar o rio.

Então eles atravessaram e depois chegaram de novo à antiga casa que era para ter sido abandonada.

Ele deixou o seu irmão ali e foi trancando a porta. Ele estava vigiando a porta, ele ficava olhando, depois entrava para ver se seu irmão mais novo estava ali sentado ou dormindo. Numa tarde ele ouviu um rugido dentro da mata e não era do seu irmão mais velho porque o seu irmão estava ali perto, mas era o rugido da sua futura esposa, outro ser.

Figura 55: Travessia do rio — Desenho 55



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Então o irmão mais novo começou a pensar: o que posso fazer agora? Como posso escapar agora? Será que devo matar? E como posso matar?

Então ele tinha uma faca pequena e tinha uns galhos e pauzinhos que estavam na casa já. Depois ele viu uma barra de ferro que na época já existia e ele começou a afiar esse ferro.

O irmão mais novo teve uma ideia, ele estava determinado a matar o seu próprio irmão que tinha virado um ser monstruoso.

Como seu irmão saiu para caçar e talvez se encontrar com sua nova esposa, um outro ser, ele não estava em casa. O irmão mais novo sabia que mesmo que ele tenha saído, ele ia voltar novamente para casa.

Figura 56: Emboscada — Desenho 56



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Então à noite ele apagou a fogueira e subiu em uma travessa da casa. E ficou apontando para baixo o ferro afiado que tinha preparado.

Mais de noite seu irmão que não era mais seu irmão, mas tinha consciência que reconhecia a pessoa que estava ali, chegou na casa fazendo barulho. Ele já não se transformava na pessoa normal novamente, pois ele já tinha se transformado por completo e não tinha como voltar.

Então ele entrou na casa e percebeu que seu irmão mais novo não estava mais ali, não estava na cama, não estava sentado e também não estava na fogueira. A fogueira estava apagada, mas como era um tipo de felino, ele enxergava muito bem no escuro.

O irmão mais novo estava numa posição de ataque, mas ele não sabia se ia conseguir. Então o felino estava o procurando quando olhou para cima e viu seu irmão numa posição em pé mirando uma estaca nele. Ele tentou alcançar o seu irmão mais novo e mesmo na forma de bicho ele sabia que era seu irmão, mas não sabia se ele ia sobreviver nem sabia se ia ser morto. Então na tentativa de alcançar o seu irmão lá em cima o bicho levantou o braço e quando ele esticou bastante o braço seu irmão mais novo lançou a estaca de ferro no peito dele e conseguiu acertar o coração do animal. Com isso o bicho caiu chorando bastante, mas novamente também ouviu choros, gritos e rugidos lá fora perto de sua casa. Quando ele ouviu isso e quando ele matou na sua casa o bicho que era seu irmão, esse choro foi desaparecendo dentro da floresta.

Figura 57: Morte do ojepota — Desenho 57



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Então o dia amanheceu e ele viu que o bicho não voltou normal depois que ele matou, mas era seu irmão, pois a fisionomia do ser humano ainda aparecia nele, dava para ver e perceber que era humano na sua aparência mas na sua característica mudou tudo era de um felino enorme e perigoso. Aos poucos o grande felino depois de morto começou a destransformar e o encanto se quebrou e voltou ao seu corpo normal.

Figura 58: Desencantamento — Desenho 58



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Então nessa época ali o rio que ligava eles e a aldeia mais próxima estava mais baixo e ele decidiu ir para aldeia levando o bicho que estava ali morto. Ele o carregou e foi arrastando até as margens do rio. Dali carregando conseguiu atravessar o rio e leva para aldeia mais próxima.

Chegando lá na aldeia ele chegou gritando falando

- venha aqui todo mundo ver e olhar. Eu matei o meu irmão.

Todos ficaram surpresos e não acreditaram no que ele estava falando.

Figura 59: Restos mortais na barriga do ojepota — Desenho 59



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Foi quando um ancião se aproximou e falou que ele era muito corajoso. Então ele pediu para os guerreiros abrirem a barriga do bicho.

Eles abriram e viram restos mortais dos pais do garoto, tinha ali um monte de cabelos.

Então o garoto falou que seu irmão mais velho transformado em bicho tinha matado seus pais e devorado eles. O seu irmão mais velho tinha virado nesse animal que eles estavam ali vendo.

Figura 60: Ojepota III — Desenho 60



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022.

Então ele contou toda a história do que tinha acontecido e como é que ele não morreu e como é que ele matou.

Lembrança da xejaryi Etelvina Bolantir.

Essa lembrança que a xejaryi conta, que escutou dos xeramoî que não estão mais entre nós. A xejaryi tem 49 anos e vive na aldeia de imaruí, Santa Catarina.

Quando fui fazer a pesquisa com ela ela tava toda alegre que gostava de contar suas lembranças para quem quisesse ouvir, mas nos longos da sua fala senti a tristeza quando começou a falar de seus pais e avós, que por motivo pessoal não entrou em maiores detalhes a respeito, mas disse que fica muito triste por pensar que um dia os jovens gostavam de sentar nas tardes no opy ou embaixo de alguma árvore com os mais velhos para escutar suas lembranças e que muitos xeramoî e xejaryi se foram e não tiveram nenhuma de suas lembranças repassadas para os seus parentes.

6. COMENTÁRIOS DE ALGUMAS DAS TRADUÇÕES EM DESENHOS

Figura 61: Fogo para humanidade — Comentário do desenho 14

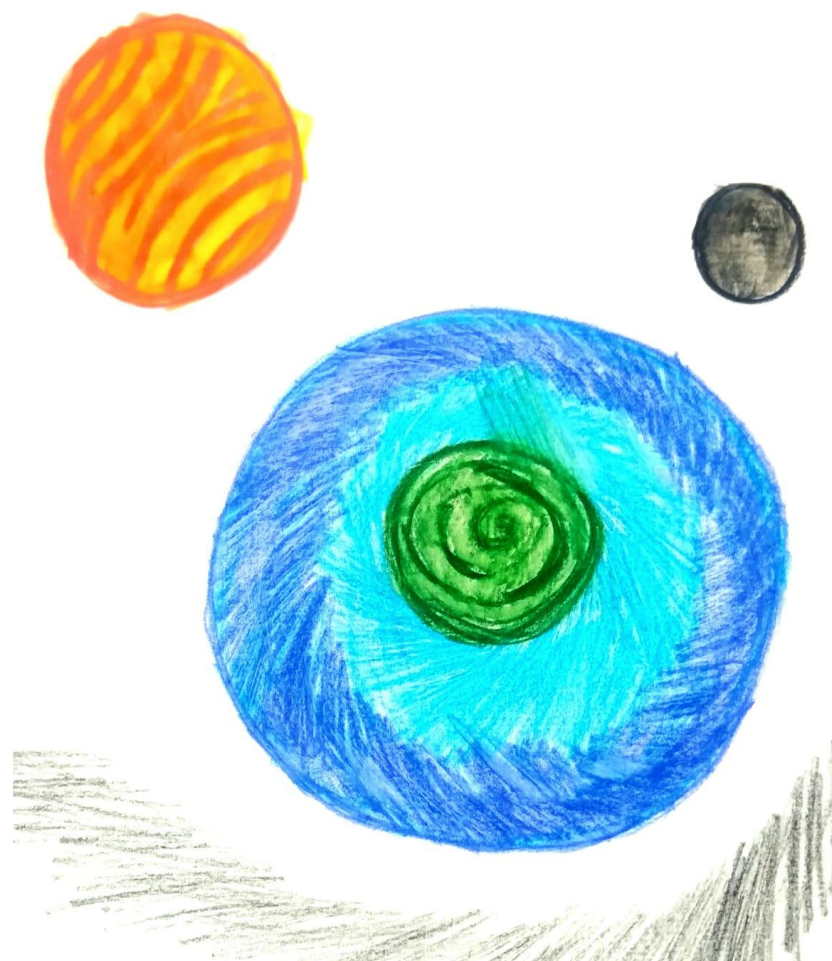


Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

Para nós Mbyá guarani o fogo é a fonte de tudo, fonte de vida, conhecimento e cura, espiritual e física. Do fogo se tira energia, sabedoria. O fogo nos esquentar no frio e nos fornece o combustível de vivência no dia a dia, sempre no centro de tudo onde as direções se encontram.

O fogo é como sabedoria, você vê e sente, mas se você ficar muito perto pode ser queimado. Como a sabedoria, se você encontra muito, você não obtém, mas só passa por você sem absorver-se, passa como um queimado de momento que depois não sentirá mais. Essas são palavras do seu Alcindo Mariano, que hoje descansa nas estrelas com seus parentes na yvy marae'y, terra sem males.

Figura 62: Começo da criação — Comentário do desenho 8



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

Contam os xeramõi que no começo do mundo quando Nhanderu criou a terra fez um lugar onde todos nós pudéssemos morar e viver todos juntos, um lugar onde teríamos paz e alegria. Neste lugar na terra as pessoas e os animais se entendiam, falavam a mesma língua, viviam em harmonia. Hoje essa harmonia sumiu pela ambição de algumas pessoas, por isso cada um foi para um lugar onde começaram a agir, falar diferente e quando se viram de novo há muito tempo depois, não se conheciam mais, já eram estranhos um para o outro.

Figura 63: Ojepota a transformação I — Comentário do desenho 15



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2020.

O desenho do ser com a metade animal pode ser interpretado de várias maneiras. Na nossa cultura guarani o ser humano quando nasce vem com dois espíritos: um bom e outro não tão bom assim. Por quê esse não tão bom? Um dos motivos é quando o ser parte da vida para a pós vida, alguns dos espíritos não querem deixar a terra tomar conta do corpo e se transformam no que podem para permanecer na terra, se apossando do corpo. Por isso pode se dizer que um dos espíritos não é muito bom para o corpo, tornando a pessoa má, o que é uma das transformações do ojepota.

Figura 64: Seres ocultos — Comentário do desenho 30



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel). 2022

Para nós Guarani, o espírito da água sempre fica à espera de pessoas com a mente fraca, para poder induzir e os levar junto com ele. Também tem o espírito da mata. Como é o espírito, qual é seu aspecto físico? Não se pode dizer como é seu físico, mas ele sempre está lá para poder manipular a mente das pessoas. Ele se transforma em uma coisa que a pessoa mais gosta, por exemplo, com as meninas que viram moça, pois uma das procuras dos espíritos é por adolescentes tanto meninos quanto meninas e, para moças ele se transforma no homem perfeito que está na mente delas, para os outros pode ser qualquer criatura, mas nos olhos da pessoa que ele está querendo é tudo de bom e bonito, o mesmo acontece se ele se encanta por um rapaz.

Um das regras que todos xeramõi ensinam é que quando vai para mata buscar alguma coisa ou até para passear por dentro dela, temos que pedir permissão para os espíritos da floresta para que nada te aconteça ou te olhem. O mesmo na água quando for

pescar ou pegar água ou qualquer coisa deve se pedir a permissão. Ao ter essa permissão você não terá nenhum problema físico ou mental ou espiritual podendo usufruir da mata ou da água.

A vida que não enxergamos, mas sentimos a natureza em que vivemos é viva, enfim, tudo que olhamos, tocamos e sentimos.

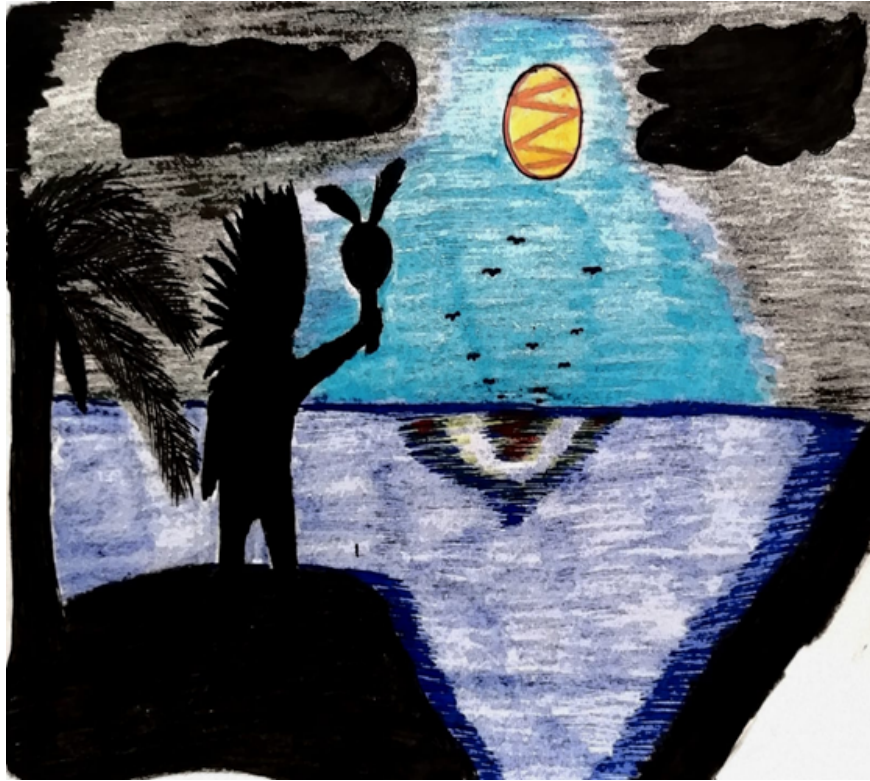
Há muito tempo atrás esses espíritos andavam no meio de nós, cuidando e vivendo com as pessoas num universo aberto, mostrando e ensinando sobre a natureza para quem quisesse aprender.

Hoje com as mentiras e muitos erros que as pessoas fizeram, esses espíritos se esconderam e ficaram invisíveis para muitas pessoas. Os lugares que estão guardando são as matas, as águas, os animais e as nuvens. Eles cuidam das matas que é para termos comida para comer, e onde temos água e animais. Por isso, muitas vezes quando as pessoas se perdem no mato, é o espírito da mata que está lá, e não está contente que essa pessoa esteja lá.

Quando um menino ou menina começa a vida de adulto eles exalam cheiro e sentimento em lugares que não deveriam estar. Em cada lugar tem guardiões que cuidam, olham e querem fazer parte daquele momento das pessoas. Se a moça ou o rapaz começar a frequentar muito aquele lugar eles acham que está lá por causa deles, então eles também começam a olhar para o menino ou para menina e como nosso espírito e nosso corpo são fracos e imperfeitos, acabamos ficando doentes ou até indo com esses seres. Se esse espírito for de peixe, viramos peixe, se for água viva viramos água viva, se for minhoca da água viramos essa minhoca da água.

Os espíritos dos animais, das plantas, das águas são muito bonitos como ninguém aqui na nossa terra do visível, por isso que devemos nos cuidar muito com os espíritos da natureza.

Figura 65: Ko'ê nhemboe nghanembaraete, O rezo de um xeramõi para o sol ao amanhecer - Comentário do desenho 16



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel).2022

Os xeramõi são nossos rezadores, sempre pedindo a proteção do nosso povo, ainda mais nos tempos de hoje. Nossos xeramõi sempre são os primeiros a levantar e os últimos a irem dormir deixando sempre seus parentes e entes queridos em segurança. O rezo dos xeramõi podem pedir a cura, a tranquilidade, e o bem estar das pessoas.

Figura 66: O nascimento — Comentário do desenho 38



Fonte: Elaborado pelo autor (lápiz de cor e papel).2022

As crianças guarani têm formas guarani de crescer e aprender, recebendo cuidados, orientação e atenção dos parentes. Na nossa cultura guarani, todos os espaços da aldeia são espaços de aprendizagem das crianças. Os mais velhos, pais, assim como *os xeramõi* e *xejaryi*, sabedores das tradições, as repassam às novas gerações em situações e espaços propícios, como a *Opy*.

Figura 67 : Ojepota observando — comentário do Desenho 53



O ojepota quando começa suas primeiras transformações sempre fica perto da família de seu hospedeiro por um bom tempo, por que ainda o ser dono do corpo ainda tem algum domínio pelo corpo por algumas vezes, vindo sempre querer ficar perto da casa e de seus parentes. Mesmo que o corpo esteja sob controle de algo que seja mais forte que ele, ele ainda pode escutar seus parentes e também querer voltar para perto de todos, por isso a família pode sentir ou ver os primeiros sintomas ou diferentes tipos de comportamentos diferentes que possam dar avisos que não está tudo certo, assim podendo procurar ajuda o mais rápido possível.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais meios de ensino na cultura guarani vem da oralidade entre os mais velhos, pai e mãe. As histórias como as do Ojepotá são contadas pela oralidade na cultura guarani para todas as crianças, não tem faixa de idade para escutá-las. Assim todas as crianças compreendem o certo e o errado, desde que nascem são levadas ao opy, casa de reza, onde elas têm sua cultura transmitida oralmente e fisicamente. A maioria dos ensinamentos é repassada na prática para as crianças, por isso a oralidade na cultura é um dos pontos fortes que até hoje é a forma de repassar os ensinamentos da cultura.

Ojepota é quando um humano sai do seu consciente, se transforma e sua alma ejejogua. Também pode se dizer quando uma pessoa pede aos espíritos que leve ou tome conta do seu corpo. Cada um tem sua alma e a sombra da alma, podendo essa sombra tomar conta do corpo depois que a alma vai embora, dominando assim o corpo ou até a própria alma boa.

No começo das minhas pesquisas eu procurei saber dos xeramõi e xejaryi que mais sabem e tem conhecimento. Eles falavam sobre o ojepota sempre com a expectativa de saber mais sobre o assunto. No começo eu tinha um conceito que o ojepota era um ser mitológico inexistente por serem seres do mundo de magia e contos, mas aprofundando nas pesquisas com os xeramõi e xejaryi fui descobrindo muito mais do que já tinha em mente do que seria a palavra ojepota. Hoje essa palavra pode ser entendida ou interpretada de várias maneiras com os acontecimentos da vida cotidiana, não só em aldeias, mas de não indígenas do mundo todo. Na cultura guarani o ojepota pode vir de várias formas. Uma delas é quando a pessoa morre, passa para sua vida eterna e deixa o corpo. Assim um espírito se apropria se tornando outro ser, outro ojepota e faz a transformação da pessoa que ainda vive. Seu espírito vai embora mesmo com o corpo vivo dando a posse ao outro espírito e assim ejepotando ainda vivo.

De minha parte vejo nos desenhos a importância de transmitir tudo o que eu imagino quando escuto as lembranças dos meus antepassados contados pelos mais velhos, porque as histórias contadas não são apenas contos, mas sim uma realidade vivida. Hoje são repassadas para as pessoas que muitos não acreditam mais, por isso os desenhos são importantes para ter um pouco a mente e a visão de quem viveu ou ouviu o relato contado, é para que possa sentir um pouco e ter acesso às memórias dos nossos antepassados.

Ao passar as histórias orais para a escrita e para o desenho também é um tipo de tradução e de transformação. O desenho faz a transformação do pensamento para imaginação, transformando para uma realidade visual, assim tendo o Ojepotá da oralidade para escrita e, assim também para o desenho.

As histórias de Ojepotá são histórias que explicam a existência de diversos elementos da natureza, assim como ensinam sobre o comportamento humano. Essas histórias formam uma tradição oral, são contadas de geração a geração.

Essas histórias são mbaeverakae'e, elas são histórias reais de antigamente, histórias sagradas. Há um tempo atrás, essas histórias não eram contadas para crianças de uma certa idade, e hoje são contadas a elas para que não esqueçam, para que sempre lembrem.

Escolhi relatar e traduzir as lembranças dos meus antepassados nas histórias orais dos mais velhos em desenhos e depois de feito mostrei para os xeramõi e para as xejaryi perguntando o que acham da forma como fiz os desenhos. Obtive respostas muito boas sobre meus desenhos, pois falaram que foi bem assim mesmo, que também imaginavam as lembranças de seus parentes. Assim, fica para as crianças e jovens que pesquisarem futuramente essas lembranças que poderão ver os desenhos e ter uma noção de como era e ainda por que muitas dessas lembranças de um modo ou de outro ainda acontecem no meio dos guarani e até nos não indígenas.

Na finalização da dissertação repassei para minha família com interesse de ouvir seus comentários. Meus familiares comentaram e ajudaram escolhendo títulos de alguns desenhos. Conversamos sobre os desenhos, a escrita e a escolha dos títulos dos desenhos. Meus pais não sabem ler e escrever, por isso fiz a leitura para eles, pois eles não puderam estudar, sempre trabalharam para que todos filhos pudessem estudar e hoje todos irmãos estudaram e somos professores na escola Itaty. Todos falaram sobre seus sentimentos depois de ver a dissertação com a memória viva de nossos xeramoi e xejary.

Dessas falas tem uma da minha irmã Juçara de Souza, professora da escola Itaty, que traduz bem minha intenção é meu sentimento fazendo o trabalho:

“Quando lemos narrativas guarani, relembramos de quando éramos crianças, sentar em volta da fogueira, sentir o calor do fogo e então dá lugar a imaginação. Quando as narrativas e lembranças são contadas, crianças que as escutam entram nelas como se fosse hoje assistir um filme, entram nelas e fazem parte delas. Na leitura do trabalho que Samuel escreveu, senti saudade dos tempos que pescávamos e fazíamos armadilhas na

mata, pedindo licença para os espíritos e seguindo à risca os ensinamentos que ensinaram para nós através dos mitos e histórias que ouvíamos do nosso avô. Hoje leio o trabalho do Samuel e sinto como uma lembrança que está escrita em um papel me trouxe várias memórias da minha infância. Lembro-me das fases da lua, das estações do ano e como vim para aqui onde estou agora. Os momentos ficam mais claros quando leio as páginas e a vontade é de ler mais. Mas como dizem, tudo que é escrito tem que ter fim. Nossas lembranças contadas pelo nosso avô nunca tinham fim, cada dia tinha mais detalhe e personagens.”

Outros comentários são também importantes para mim porque são da minha família e comunidade e porque o que nós fazemos nunca fazemos sozinhos e não tem fim.

Na finalização da dissertação repassei para minha família com interesse de ouvir seus comentários. Meus familiares comentaram e ajudaram escolhendo títulos de alguns desenhos. Conversamos sobre os desenhos, a escrita e a escolha dos títulos dos desenhos. Meus pais não sabem ler e escrever, por isso fiz a leitura para eles, pois eles não puderam estudar, sempre trabalharam para que todos filhos pudessem estudar e hoje todos irmãos estudaram e somos professores na escola Itaty. Todos falaram sobre seus sentimentos depois de ver a dissertação com a memória viva de nossos xeramoí e xejaryi.

Dessas falas tem uma da minha irmã Juçara de Souza, professora da escola Itaty, que traduz bem minha intenção é meu sentimento fazendo o trabalho:

REFERÊNCIAS

Referências orais (nossa memória viva, nossos livros vivos)

Adão Antunes, xeramõi contador de lembranças, pesquisas feitas com ele no ano de 2013, fez a passagem em 2015.

Azelino Mariano, meu bisavó, xeramõi, repassou as lembranças até seus últimos dias.

Ivalino de Souza, meu pai de 59 anos sempre conta como são suas lembranças e de seus antepassados.

Marli Antunes, minha mãe de 55 anos, desde criança nos ensina a cultura e conta lembranças de sua mãe.

Dario Moreira, xeramõi da terra indígena Morro dos Cavalos, desde meus tempos de graduação no ano de 2014 até hoje 2022 sempre está na escola onde trabalho contando suas lembranças e trazendo os conhecimentos, para os alunos e os professores que as buscam.

Juçara de Souza, 34 anos, minha irmã mais velha, sempre a pesquisar, umas das fontes que está perto e sempre em busca e transmite conhecimento, fizemos pesquisas conjuntas em 2019, 2020, 2021.

Cristina Fernandes, 49 anos, aluna do Eja da escola Itaty, xejaryi da terra indígena Morro dos Cavalos, pesquisa nos anos de 2020 e 2021, todos os dias de aula conta suas lembranças com seus colegas de sala e com os professores, quando a pedem que conte.

Sandra da Silva Mariano, aluna do EJA noturno, pesquisa feita com ela em agosto de 2021.

Referências de textos escritos

ANTUNES, Adão Karai Tataendy. *Palavras do xeramõi*. Holambra, SP: Cuca Fresca, 2008.

BENITES, Sandra. Nhe'e, reko Porã rã, nhembo oexakare: Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro, a educação tradicional e o olhar distorcido da escola. Em: Schuler Zea, E. Post Darella, M. D. e Salles Machado; J. (Org.): *Ações e saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em foco: pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica - Volume Guarani*. Florianópolis: Edições do Bosque, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/222424>

KAMBEBA, Marcia. O Olhar da Palavra: Escrita de resistência. Em: Julie Dorrico, Fernando Danner e Leno Francisco Danner (Org.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo*. Porto Alegre, RS: Editora Fj, 2020.

MORAIS, Alison Silveira (Org.) et al. *Ojepotá e outros três tristes contos tétricos*. Florianópolis — SC: Pós-Graduação em Estudos da Tradução / PGET / UFSC & Katarina Kartonera, 2019, Podcast do processo disponível em:

<https://www.iheart.com/podcast/256-pget-egressos-53674674/episode/pget-experiencias-t1e1-processo-54820512/> e Livro Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/202020/OJEPOTA-E-OUTROS-TRÊS-TRISTES-CONTOS-TÉTRICOSebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/202020/OJEPOTA-E-OUTROS-TRÊS-TRISTES-CONTOS-TÉTRICOSebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

POPYGUA, Timóteo Verá Tupã. *Yvyrupa – a Terra uma só*. Coleção Mundo Indígena. Editora Hedra. São Paulo, 2016.

SOUZA, Samuel de. Relações de vida para nós Guarani: três histórias dos mais velhos em palavras e desenhos. Em: Schuler Zea, E. Post Darella, M. D. e Salles Machado; J. (Org.): *Ações e saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng em foco: pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica - Volume Guarani*. Florianópolis: Edições do Bosque, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/222424>

WERÁ JECUPÉ, Kaká. *A Terra dos mil povos – História indígena do Brasil contada por um índio*. Editora Peirópolis, 2020.

ANEXO – GLOSSÁRIO

Guarani	Português
Ojepota	Transformação /metamorfose/ tradução/ encantamento,
Xeramoî	Avó
Xejaryi	Avô
Opy	Casa de reza
ko´e	Amanhecer ou de manhã
Nhanhembarate	Fortalecimento ou força
Itaty	Monte de pedra ou lugar de pedra
Reko	Vida/ costumes
Porâ	Belo/ bonito
Oexakare	Vesgo/ não enxergam bem
Popygua	Guardião do opy ou instrumentos sagrados para espantar espírito mal
Yvy rupa	Território/ espaço sagrado
Yvy marae´y	Terra sem males

Tatá	Fogo
Petyngua	Cachimbo
Xampire	Urubu
kururu	Sapo
kavaju	Cavalo
Nhemboé	Aprender/ ensinar
Ipy rovai	kurupira
Nhande reko	Nosso bem viver/ sistema de vida guarani
Ka'akupe	Atrás das ervas/ entre as ervas
Petyn	Fumo/tabaco
Nhanderu	Nosso criador
Pira guire	Mãe dos peixes/ sereia
Tekuaxy	Com espírito fraco
Xivi/ xivi'i	Onça/ gatinho